



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PSICOLOGIA

LAURA INEZ OLIVEIRA DAS NEVES

**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE:**  
As mulheres negras e as relações afetivas

São Luís

2022

**LAURA INEZ OLIVEIRA DAS NEVES**

**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE:**

**As mulheres negras e as relações afetivas**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) como pré-requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia com Formação em Psicólogo (a).

**Orientador:** Prof. Dr. Ramon Luís de Santana Alcântara.

São Luís

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Neves, Laura Inez Oliveirda das.

Construção da identidade : As mulheres negras e as relações afetivas / Laura Inez Oliveirda das Neves. -2022.  
80 f.

Orientador(a): Ramon Luís de Santana Alcântara.  
Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

1. Identidade étnico-racial. 2. Mulheres negras. 3. Racismo. 4. Relacionamentos afetivo-sexuais. I. Alcântara, Ramon Luís de Santana. II. Título.

LAURA INEZ OLIVEIRA DAS NEVES

**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE:**

As mulheres negras e as relações afetivas

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) como pré-requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia com Formação em Psicólogo (a).

Aprovada em: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.º Dr. Ramon Luís de Santana Alcântara (Orientador)**

Universidade Federal do Maranhão

---

**Rosane de Sousa Miranda**

Universidade Federal do Maranhão

---

**Dayanna Gomes Santos**

EDUFOR

---

**Cláudia Aline Soares Monteiro**

Universidade Federal do Maranhão

*A todas as mulheres que já se sentiram  
sozinhas. Vocês nunca estarão só!*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre a Ele! Pela vida e por todas as bênçãos concedidas.

A minha mãe, que foi meu maior alicerce desde sempre, que durante a graduação me deu toda a força e proveu todo o necessário para que pudesse me dedicar aos estudos, esse trabalho é nosso!

A meu pai (em memória) que sempre sonhou o melhor para mim e me incentivou a dar meu melhor em tudo, ainda que o meu melhor alguns dias fossem menos que em outros, eu te amo e espero que onde estiver saiba que a gente conseguiu!

Aos meus avós (em memória), Sebastião e Inez, de quem tive o prazer de herdar o nome, queria muito que estivessem aqui, eu amo vocês!

A minha irmã, Lena, que ouviu todos os meus ensaios para as apresentações ao longo dessa graduação, muito obrigada por todo o incentivo e por parar o que estivesse fazendo para ler ou ouvir o que tinha a dizer.

A minha prima, amiga e irmã Danielle (em memória), que sempre torceu por mim, mas que não pode acompanhar essa conquista em vida, onde estiver espero que saiba que eu te amo!

A Railcy B. e Carol Sousa duas amigas queridas que o Serviço Social me deu nos longos três períodos que cursei, posso passar meses sem falar com vocês, mas sei que sempre poderei contar com vocês e vice-versa, obrigada meninas por todo o apoio.

A Ingrid Menezes, que está comigo desde o ensino médio, obrigada por tanto.

A Larah Boga minha duplinha, muito obrigada por todo apoio, conselhos, por ler e corrigir meus trabalhos, pelas caronas, te amo real.

A Renata Amador, Adriana Silveira e Valentina Lopes, obrigada por terem transformado essa graduação em algo leve, por dividirem felicidades, medos, incertezas, por aconselharem e por todas as fofocas durante esse tempo, vocês tornaram tudo melhor, amo vocês.

Thales Soares, Bianca Dilara e Gleiciane Gomes, nossa aproximação foi algo tão gradual, já praticamente na reta final do curso, mas não tornou nossa amizade menos importante, obrigada pelas trocas.

A meu orientador Ramon Alcântara que não desistiu de mim, mesmo quando eu sumia, muito obrigada por ter tornado essa etapa algo tão leve e por mostrar que o TCC não

era nem um "bicho de 7 cabeças", obrigada por mostrar a Psicologia através de outra perspectiva que me fez sentir pertencente a ela, por tirar minhas dúvidas e por está sempre disponível para ajudar, muito obrigada por ter aceitado me orientar.

A Cláudia Aline, minha supervisora de estágio obrigatório, coordenadora do projeto de extensão Plantão Psicológico, do qual tive a honra de participar, professora de duas disciplinas na qual fui monitora, foi e é uma honra aprender contigo, obrigada por sempre estar sempre tão disponível e por aceitar participar desta banca.

Estendo meus agradecimentos a toda banca examinadora por aceitarem ler essa pesquisa que é tão importante para mim.

Agradeço em especial a todas as mulheres que aceitaram participar contando um pouco de suas vidas, trazendo perspectivas tão únicas e ao mesmo tempo tão coletivas.

Agradeço ainda ao Departamento de Psicologia da UFMA, em especial ao prof. Lucas Guimarães que sempre esteve presente e disponível para tirar dúvidas, trazer dicas e memes.

A todos que não citei aqui, mas que de maneira direta ou indireta me ajudaram a chegar até aqui, esse trabalho também é de vocês, conseguimos, obrigada!

*"A construção da mulher negra como inerentemente forte era desumana. Somos fortes porque o Estado é omissivo, porque precisamos enfrentar uma realidade violenta. Internalizar a guerreira, na verdade, pode ser mais uma forma de morrer. Reconhecer fragilidades, dores e saber pedir ajuda são formas de restituir as humanidades negadas. Nem subalternizada nem guerreira natural: humana."*

(Djamila Ribeiro)

## RESUMO

Pesquisas relacionadas a questões raciais têm sido cada vez mais difundidas nas produções bibliográficas, porém mostra-se incipientes pesquisas que relacionam questões raciais a relacionamentos afetivos-sexuais na Psicologia. Esta pesquisa aborda questões identitárias, especialmente no que consiste a construção da identidade da mulher negra e os modos como esta construção pode interferir em seus relacionamentos afetivos. Para tanto, são introduzidos tópicos iniciais acerca de questões sociais, de classe, gênero e raça na realidade brasileira, dialogando com autoras como Sueli Carneiro, Angela Davis, Lélia Gonzalez e Ana Cláudia Pacheco. Tendo objetivo geral relacionar o processo de construção identitária das mulheres negras com os modos como se dão seus relacionamentos afetivo-sexuais. E como objetivos específicos: contextualizar historicamente o entrelaçamento entre racismo, mulheres negras e relações afetivo-sexuais no Brasil; caracterizar processos de construção identitária de mulheres negras; e, por fim, analisar como se deram as relações afetivo-sexuais de mulheres negras antes e depois do seu processo de construção de identidade. Para tanto foi utilizado o método de história de vida onde, por meio de entrevistas não-diretivas, foi escutado o relato acerca da trajetória de quatro mulheres negras que possuem relacionamentos afetivo-sexuais posteriores a sua construção identitária. A partir das entrevistas foi possível compreender quais componentes estruturaram e mediarão as escolhas afetivas das mulheres negras entrevistadas, em suas narrativas compareceram categorias como raça e gênero atravessados por outras categorias, desta forma, trazendo os sentidos e as compreensões produzidas e reinventadas por essas mulheres em suas vidas cotidianas, sendo possível perceber aproximações e distanciamentos nas histórias retratadas. A pesquisa aponta a dificuldade para a construção da identidade da mulher negra em nossa sociedade onde o padrão branco ainda é exaltado, assim como revela o preterimento afetivo sofrido por estas mulheres, tanto em relação a seus pares, quanto em relação aos homens brancos, corroborando com outros estudos realizados a este respeito.

**Palavras-chave:** Identidade étnico-racial; Relacionamentos afetivo-sexuais; Mulheres negras; Racismo.

## ABSTRACT

Studies related to racial issues have been more diffused when it comes to bibliographical works, although researches relating racial matters with sexual and affectional relationships are still incipient in Psychology. This research approaches identity matters, especially when it concerns the construction of black women's identity and the ways in which this development can interfere with their affectional relationships. To this end, topics related to gender, class, race and social matters in Brazil's society will be introduced, along with authors such as Sueli Carneiro, Angela Davis, Lélia Gonzalez and Ana Cláudia Pacheco. The main goal of this study is to connect the developmental process of black women's identity with the manner in which their sexual and affectional relationships take place. As to its specific goals: historically contextualize the connection between racism, black women and sexual and affectional relationships in Brazil; characterize processes of identity construction of black women; and, lastly, analyze the sexual and affectional relationships of black women before and after their process of identity construction. To do so, it was used the life history method in which, through non-directive interviews, it was heard accounts regarding the trajectory of four black women and their relationships post their identitarian construction. From these interviews we were able to understand which components mediated and framed the affectional choices of the black women who were interviewed, how their narratives brought about categories related to race and gender along other categories, conveying senses and insights produced and reinvented by these women in their daily lives, being possible to perceive approximations and distancing in the stories portrayed. This research marks the difficulties black women experience in the construction of their identities in a society where being white is, still, exalted, and reveals the affective belittlement suffered by these women, both in relation to their peers and in relation to white men, corroborating with other studies carried out in this regard.

Key-words: Identity Construction; Sexual and Affectional Relationships; Black Women; Racism.

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2.</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b>	<b>16</b>
<b>3.</b>	<b>O MITO DA IGUALDADE RACIAL: RACISMO E MISCIGENAÇÃO NO BRASIL</b>	<b>20</b>
	<b>3.1 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: UM PASSEIO PELA HISTÓRIA</b>	<b>24</b>
	<b>3.2 MULHER NEGRA: AFETIVIDADE E SOLIDÃO</b>	<b>28</b>
<b>4.</b>	<b>MULHER NEGRA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: DIÁLOGOS SOBRE VIVÊNCIAS</b>	<b>35</b>
	<b>4.1 AMINA: PORQUE EU DEIXEI DE FALAR SOBRE RACISMO COM PESSOAS BRANCAS</b>	<b>35</b>
	<b>4.2 NEFERTITI: A IMPORTÂNCIA DE SE (RE)CONHECER</b>	<b>40</b>
	<b>4.3 AISHA: UMA JORNADA DE ACEITAÇÃO</b>	<b>43</b>
	<b>4.4 HANNA: O CONHECIMENTO MUDA A FORMA DE VER O MUNDO</b>	<b>48</b>
	<b>4.5 HISTÓRIAS INDIVIDUAIS, PROCESSOS SOCIAIS</b>	<b>51</b>
<b>5.</b>	<b>MULHER NEGRA E AFETIVIDADE</b>	<b>56</b>
	<b>5.1 AMINA: UMA JORNADA DE DESCOBERTAS</b>	<b>57</b>
	<b>5.2 NEFERTITI: O AMOR-PRÓPRIO IMPORTA</b>	<b>60</b>
	<b>5.3 AISHA: SEJA VOCÊ MESMA</b>	<b>62</b>
	<b>5.4 HANNA: ANTES SÓ DO QUE MAL-AMADA</b>	<b>64</b>
	<b>5.5 RELACIONAMENTOS INDIVIDUAIS, PROCESSOS SOCIAIS</b>	<b>66</b>
<b>6.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>69</b>
<b>7.</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>72</b>
	<b>APÊNDICES</b>	<b>75</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo Pacheco (2013), ao longo do tempo questões raciais brasileiras têm ganhado espaço nas produções bibliográficas das Ciências Sociais. Sendo os primeiros estudos datados do século XIX com o ingresso das teorias racistas e científicas no Brasil. Como consequência foram realizadas uma sequência de investigações, sobre a temática que perpetua até os dias atuais. No entanto, segundo a autora, as pesquisas estavam mais focadas em explicar o problema da miscigenação no Brasil. Nos bastidores destas pesquisas estava o receio pela relação sexual-afetiva entre homens e mulheres de ‘raças’ distintas. A pauta da discussão era o perigo da mestiçagem, para nações que pretendiam conquistar o mais elevado grau de evolução social e racial (RODRIGUES, 1935; SCHWARCZ, 1993 apud PACHECO, 2013), enquanto outras teorias compreendiam esta interação como um método para embranquecer as populações não-brancas, a exemplo os africanos e sua descendência, índios e mestiços que habitavam o Brasil (VIANNA, 1933 apud PACHECO, 2013).

A história nos mostra como as mulheres negras eram tratadas, como suas vozes eram silenciadas, não importava o quão alto gritassem, suas vozes não ressoavam em alguns lugares. Neste sentido, Kilomba (2019) nos fala sobre a *máscara do silenciamento*, a máscara literal que a escravizada Anastácia era obrigada a usar, uma peça que serviu como instrumento no projeto colonial europeu por mais de 300 anos. Publicamente era dito que era utilizado pelos senhores brancos como meio para impedir que as/os africanas/os comessem cana-de-açúcar e cacau durante o tempo em que lavravam as plantações, porém seu verdadeiro papel era implementar o sentido de mudez e terror, tendo em vista que a boca era utilizada para tortura e silenciamento. Ainda neste sentido, a autora afirma que a boca é um órgão bastante notável - representa a linguagem e a expressão. E, quando se trata de racismo a boca converte-se no órgão da dominação por excelência, simbolizando o que as/os brancas/os desejam e necessitam monitorar e, em razão disso é o órgão que, tradicionalmente, tem sido excessivamente censurado.

Ao mesmo tempo que as mulheres brancas eram cercadas de cuidados e mimos, representando o ideal de feminilidade, delicadeza, pureza, as mulheres negras eram aquelas que poderiam suportar crueldades, vistas como objetos sexuais e de reprodução, restando para as mesmas a solidão (CARNEIRO, 1995; PACHECO, 2013). De acordo com Carneiro (2003), quando falamos acerca do mito da fragilidade feminina – usado historicamente para justificar

a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres – nós mulheres negras não estamos inclusas, nós estamos incluídas na população, possivelmente majoritária, que nunca se identificaram com esse mito, pois nunca estivemos inseridas na categoria de frágil, por tanto nunca fomos tratadas de tal forma.

Tal fato pode ser percebido quando Sojourner Truth em seu discurso “E eu não sou uma mulher?” - disponível no Portal Geledés - proferido em 1851 na Women’s Rights Convention em Akron, uma reunião de clérigos, depois de ouvir alguns dos pastores presentes no recinto dizerem que mulheres não necessitavam ter os mesmos direitos que os homens por serem frágeis e mentalmente débeis, pois o filho de Deus era homem e não mulher e porque a primeira mulher retratada na Bíblia foi uma pecadora. Em seu discurso ela afirma que alguns dos homens ali presentes disseram que as mulheres necessitam de ajuda para subir em carruagem, e que deveriam ser carregadas para transpor valas, e que são dignas de receberem o melhor lugar, independentemente de onde estejam. Porém a mesma nunca recebeu tal tratamento, ninguém jamais a auxiliou a subir em carruagens, ou a atravessar poças de lama, e nenhuma vez lhe foi oferecido o melhor lugar. Sojourner prossegue e pergunta “E eu não sou uma mulher?”, pede que olhem para ela, para seus braços, afirma que lavrou e plantou, juntou colheitas nos celeiros e homem alguns estava a sua frente. Afirma que poderia trabalhar e comer tanto quanto qualquer homem, contanto que tenha chance para isso, assim como suportar açoites. Teve treze filhos e viu a maioria deles serem vendidos e clamou sentido a dor que só uma mãe pode sentir, mas ninguém, a não ser Jesus, a ouviu e novamente perguntou “E eu não sou mulher?”. Esse discurso nos ajuda a perceber o quão falha são essas falas sobre a fragilidade feminina, Carneiro (2003) afirma que somos parte do contingente de mulheres que durante séculos trabalharam escravizadas nas lavouras ou nas ruas, mulheres identificadas como objetos, mulheres que não são vistas como mulheres.

Este passado escravagista serviu de base para que ainda hoje mulheres negras sejam objetificadas sexualmente e, muitas vezes, destinadas à solidão (PACHECO, 2013). Com base nisso, noto a importância de fazer essa pesquisa como forma de gerar discussão deste tema que é atual e de tanta relevância. Tenho a ambição de ao tratar sobre afetividade e construção identitária consiga mostrar nuances de como a dimensão racial interfere nas relações afetivo-sexuais das mulheres negras.

Assim sendo, é importante frisar que questões relacionadas à construção identitária de pessoas negras, especialmente mulheres, é algo que durante toda a graduação tem me

mobilizado. Haja vista que construir essa identidade dentro da nossa sociedade não é uma tarefa fácil, é um desafio diário, particularmente considero desta forma.

Construção identitária e empoderamento negro são pautas que acredito que como profissional estarão imersas em meu cotidiano, pois não tenho como desvinculá-las da minha personalidade. Gradativamente essas pautas estão ganhando visibilidade em nossa sociedade e quero estar implicada, produzir mais conhecimentos a partir da Psicologia sobre o assunto.

Durante a elaboração temática da minha pesquisa, tinha certeza que queria discutir sobre a construção da identidade da mulher negra e isso me levou a pensar no que acontece durante o percurso em que essa identidade é construída: afeta de alguma forma seus relacionamentos? Familiares? Afetivos? De que modo essas mulheres, e me incluo aqui, passam a ver a vida ao se identificar enquanto negra? Quais são as particularidades e desafios que encontramos na construção da nossa identidade? Mais especificamente de que maneira isso interfere nas suas relações afetivo-sexuais? Com essa pesquisa, pude ter um vislumbre de como foi e, na maioria dos casos, está sendo, haja vista que mudamos continuamente, essa construção de identidade, para algumas mulheres negras, deste modo tive acesso a outras vivências, trajetórias e perspectivas.

A proposta desta pesquisa foi a partir da Psicologia relacionar o processo de construção identitária das mulheres negras com os modos como se dão seus relacionamentos afetivos. Tendo como objetivos específicos: contextualizar historicamente o entrelaçamento entre racismo, mulheres negras e relações afetivo-sexuais no Brasil; caracterizar processos de construção identitária de mulheres negras; e, por fim, analisar como se deram as relações afetivo-sexuais de mulheres negras antes e depois do seu processo de construção de identidade. Para tanto, foi necessário compreender o contexto histórico e sociocultural em que foram fundamentadas essas identidades, entender como elas se originaram, sob que circunstâncias e como isto interfere em suas vivências, ou seja, contextualizar historicamente o entrelaçamento entre racismo, mulheres negras e relações afetivo-sexuais no Brasil. E só então partir para o último objetivo que é analisar como se deram as relações afetivo-sexuais de mulheres negras antes e depois do seu processo de construção de identidade. Para isso analisei temáticas de raça, gênero e demais marcadores sociais que podem interferir nesse processo.

Antes do início da pesquisa realizei um levantamento inicial. Examinei plataformas como SciELO e Google Acadêmico busquei por palavras chaves como: feminismo negro;

solidão da mulher negra; afetividade; racismo; identidade negra; escravidão; relacionamento afetivo sexual. Encontrei alguns artigos sobre o tema da construção identitária da mulher negra e relações afetivo-sexuais, mas espantei-me ao descobrir que nenhum deles foram escritos através das lentes da Psicologia. Portanto, acredito ser interessante apresentar, além do ponto de vista das Ciências Sociais, a visão da Psicologia, uma área que está claramente implicada nestas questões.

De todo modo, encontrei algumas pesquisas com o tema de empoderamento negro e feminismo negro, partindo do viés da Psicologia, mas estas ainda são bastante incipientes. A ausência de pesquisas realizadas do ponto de vista da Psicologia que tratam especificamente de como a construção da identidade da mulher negra interfere nas suas relações afetivo-sexuais me estimulou a pesquisar sobre este tema.

Ademais, almejo que essa pesquisa possa inspirar novos estudos sobre o tema, para que essa lacuna deixada pela Psicologia seja aos poucos preenchida. Assim como espero fazer ressoar as vozes das mulheres negras e que, de alguma maneira, contribua para que cada vez mais mulheres negras tenham lugar para falar e serem escutadas, sem que precisem de mediadores para contar a sua história. Que mais mulheres, especialmente as negras, empoderem-se, busquem se aceitar, enxerguem beleza em sua cor, em suas histórias de lutas e vitórias.

## 2. PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia desta pesquisa foi concebida a partir de uma abordagem qualitativa que, segundo Silva (2010, p. 06), “trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Ela aprofunda a complexidade de fenômenos, fatos e processos; passa pelo observável e vai além dele ao estabelecer inferências e atribuir significados ao comportamento”.

Utilizei o método de história de vida que, de acordo com Nogueira et al. (2017), faz parte da metodologia qualitativa biográfica em que o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas e que podem ou não serem gravadas, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta. Em linhas gerais, nesse processo, o vínculo entre pesquisador e sujeito que narra sua história é primordial e só ocorre na presença de uma relação de confiança mútua que é construída ao longo do processo. Na pesquisa realizada a partir de histórias de vida o conhecimento desenvolve-se gradativamente a partir da relação singular entre pesquisador e sujeito participante, o pesquisador com a técnica que necessita da existência de vínculo e o sujeito participante que conta sua história a partir de certo momento de sua vida. Ao fim da escuta, o pesquisador realizará um mergulho analítico para procurar reconhecer no material pistas que auxiliarão na tentativa de responder suas questões de pesquisa (NOGUEIRA ET AL. 2017).

Em relação a análise de dados, a mesma se dará a partir da perspectiva da Psicologia Social de base construcionista (SPINK, 2013) que visa evidenciar o momento de interação, ou seja, o processo de geração de sentido na vida cotidiana. Nessa perspectiva, a investigação difere do foco tradicional, pois desloca o *locus* da explicação para a exterioridade dos processos e estruturas da interação humana, ou seja, a visão representacionista acerca do conhecimento é renunciada e se assume uma concepção do conhecimento como não sendo algo que as pessoas possuem em suas mentes, mas sim algo construído socialmente. Do ponto de vista do construtivismo, tanto o sujeito quanto o objeto são construções históricas e sociais que precisam ser problemáticas e desfamiliarizadas. No entanto, aceitar essa afirmação significa questionar o conceito de realidade (SPINK, 2013).

Desta maneira, a pesquisa construcionista é um apelo para examinar essas convenções e entendê-las como regras socialmente construídas e historicamente estabelecidas. É um pedido para aguçar a nossa imaginação e para participar ativamente dos processos de

transformação social. Impõe-se, em compensação, a necessidade de explicitação de nossas posições: não a escolha injustificada entre opções tidas como semelhantes, mas a opção refletida a partir de nossos posicionamentos políticos e éticos (SPINK, 2013).

A postura construcionista defende a necessidade de remeter a verdade à esfera da ética; pontuar sua importância não como verdade em si, mas como relativa a nós mesmos. Isso - também - pode ser feito a partir do discurso, pois o mesmo tem como uma de suas características reconstruir a realidade social, possuindo desse modo, efeito sobre o sentido que damos ao cotidiano. Práticas discursivas são práticas sociais, elaboradas a partir das relações concretas de poder, em um tempo determinado, essas relações podem então mostrar alguns efeitos que regulam e controlam a ordem social (SPINK, 2013). Portanto as práticas discursivas, formam o foco central para a análise na abordagem construcionista, estando incluídas ações, linguagens, contexto, uma variedade de fatores que constituem as produções sociais que configuram as expressões, servindo de guia para entender a produção do sentido no cotidiano (SPINK, 2013).

É importante mencionar que a pesquisa obteve parecer favorável pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), de nº 5.120.404. Após o parecer, a primeira etapa foi divulgar a pesquisa nas redes sociais, como Instagram, Twitter, WhatsApp e etc. buscando encontrar o público-alvo desta pesquisa. Foi disponibilizado um formulário online para que as interessadas pudessem fornecer informações para avaliarmos se cumpriam os critérios de inclusão desta pesquisa, assim como dados para contato. Posteriormente entrei em contato com as mulheres que demonstraram interesse para participar deste estudo, explicando os objetivos da pesquisa, assim como os tópicos que seriam abordados na entrevista para que pudessem tomar uma decisão de maneira consciente. Todas as mulheres participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE - A), em que foram fornecidas explicações sobre justificativas, objetivos, procedimentos, riscos e benefícios do estudo que foram convidadas a participar. Sendo assegurado também que a participação na pesquisa será estritamente voluntária. Em síntese, todas as participantes foram asseguradas em sua privacidade, sendo mantido o sigilo das participantes e dos seus dados pessoais, tais como nome, endereço, telefone e etc., sendo assim, os nomes utilizados são fictícios de origem africana.

Toda pesquisa envolve riscos e benefícios, apesar deste trabalho não ter apresentado nenhum risco direto às entrevistadas, é necessário destacar que as entrevistas continham

questões que poderiam trazer à memória experiências de sofrimento psíquico passados dentro da temática de construção de identidade e relações afetivo-sexuais.

No entanto, é importante ressaltar que houve cuidado e acolhimento para com as participantes dessa pesquisa, para que os prejuízos fossem mínimos. Além disso, se por alguma razão ocorresse algum dano referente a pesquisa, o que não aconteceu, seria dada assistência gratuita, integral e imediata às participantes. Toda a conduta profissional da pesquisa está embasada no Código de Ética Profissional do Psicólogo e na Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012, além das normas da resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, que registra as pesquisas envolvendo seres humanos na Plataforma Brasil e nas orientações fornecidas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa contidas no Ofício Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS que visa orientar aos pesquisadores e Comitês de Ética em Pesquisa em relação a procedimentos que requeiram o contato com participantes e/ou coleta de dados em seja qual for a etapa da pesquisa, em ambiente virtual.

Quatro mulheres negras foram entrevistadas, as mesmas possuem processo de construção de sua identidade e histórico de relacionamento anterior e posterior a essa construção, ainda que alguns não tenham sido estáveis. Sendo os critérios de inclusão: ter a partir de 18 anos de idade; possuir processo de construção da identidade enquanto mulher negra; ser uma mulher cisgênero. Como critério de exclusão foram: não ter relacionamento posterior à construção identitária, ainda que instável.

A entrevista ocorreu em ambiente virtual, através da plataforma Google Meet, por escolha das participantes, tanto por questão da pandemia, quanto por necessidades pessoais, com a duração de 25 a 51 minutos por entrevista. Após leitura e concordância do TCLE foi realizada a entrevista semiestruturada de maneira individual, considerando esta como um momento de encontro entre dois indivíduos, onde as memórias são revisitadas e reconstruídas no momento em que são narradas, reelaboradas, sofridas (NARITA, 2006). As entrevistas foram transcritas posteriormente por mim.

Os materiais utilizados, além dos materiais básicos como caneta, papel, foram um gravador de voz digital (instalado no celular da pesquisadora) para que pudesse gravar a voz das participantes durante as entrevistas. E, um roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE B), contendo tópicos referentes a sua construção de identidade, relações familiares e amorosas.

O presente trabalho encontra-se dividido, além desta introdução, da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta estudos bibliográficos, que norteiam nossa pesquisa. O segundo e o terceiro capítulo apresentam a pesquisa em si, a partir das entrevistas realizadas.

### **3. O MITO DA IGUALDADE RACIAL: RACISMO E MISCIGENAÇÃO NO BRASIL**

Antes de tudo é necessário pontuar que o racismo é uma construção ideológica cujas práticas estão situadas nos diferentes modos de discriminação racial. Sendo um discurso de exclusão, tem sido perpetuando e reinterpretado levando em consideração os interesses dos que dele se beneficiam.

Apesar da existência de conflitos acerca da origem do termo raça, podemos dizer que seu significado originalmente esteve atrelado, de alguma forma, à prática de construir classificações, inicialmente, entre plantas e animais, e posteriormente, em relação a seres humanos (ALMEIDA, 2019). Segundo o autor, o entendimento de raça como alusão a diferentes grupos de seres humanos é um evento da modernidade que tem origem em meados do século XVI.

De acordo com Almeida (2019), raça não é um termo definitivo e imutável, pelo contrário seu significado está intimamente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Acompanhado por este termo existem eventos, divergências, julgamento e poder. Portanto, a trajetória da raça ou das raças, faz parte da história da criação política e econômica das sociedades atuais. O contexto histórico do século XVI foi propício para fornecer um significado à concepção de raça. A expansão econômica e mercantilista e a “descoberta” do novo mundo criaram um cenário no qual a cultura renascentista pudesse refletir acerca da unidade e multiplicidade da existência humana. Nessa ocasião, a raça surge como uma noção fundamental para classificação dos seres humanos, com o intuito de dominação e destruição de populações não europeias. Homens não brancos eram descritos como bestas ferozes, comparados a animais ou até mesmo insetos, num processo de desumanização que acontece antes de práticas discriminatórias ou genocidas, padrão perpetuando até os dias de hoje.

Um passo à frente na história, o autor retrata sobre a inauguração do positivismo no século XIX, que converte questionamentos a respeito das diferenças humanas em questões científicas, de modo que o homem passou a ser, não mais objeto filosófico, mas objeto científico. Biologia e física atuaram como modelos elucidativos da diversidade humana. A partir disso origina-se a ideia que aspectos biológicos - determinismo biológico - ou circunstâncias climáticas e/ou ambiental - determinismo geográfico - poderiam desvendar as diferenças éticas, psicológicas e intelectuais entre raças distintas. Desta forma, pele não

branca e clima tropical ajudavam no surgimento de comportamentos obscenos, libidinoso, agressivo, para além disso, sugeria pouca inteligência. Sendo assim, podemos afirmar que por sua formação histórica, a raça funciona baseada em dois princípios básicos, que se atravessam e complementam-se: a característica biológica, onde a identidade racial é conferida por alguma particularidade física e a característica étnico-cultural, onde a identidade será relacionada com a origem geográfica. Desta forma o racismo científico do século XIX – um dos legados da escravidão – serviu de suporte para a divisão da humanidade em raças e criou hierarquias entre elas, dando-lhes status de superioridade ou inferioridade naturais, nesta concepção certos humanos são considerados mais ou menos humanos do que outros, o que por consequência leva à normalização da desigualdade de direitos, se alguns são estabelecidos nas ideologias sociais como detentores de humanidade incompleta, considera-se natural que não gozem plenamente dos direitos humanos. A partir desse conceito ocorreram e se multiplicaram as conhecidas desigualdades sociais (CARNEIRO, 2011).

Almeida (2019), afirma que no século XIX uma parte da antropologia esforçou-se para demonstrar a autonomia das culturas e a inexistência de determinações biológicas ou culturais que pudessem hierarquizar a moral, a cultura, a religião e sistemas políticos. Constatando que não há nada na realidade natural que corresponda ao conceito de raça. Porém, ainda que a biologia e antropologia – surgida no início do século XX – tenham apresentado provas concretas que derrubam as bases do racismo do século XIX, demonstrando não haver diferença biológicas ou culturais que atestem a supremacia racial dos brancos em relação aos não brancos – ideia que validava a discriminação e a opressão, assim como assegurava privilégios para os brancos. Contudo o conceito de raça ainda é um elemento político importante, manuseado como um instrumento para normalizar desigualdades e validar a segregação e o genocídio de grupos classificados socialmente como minoritários. Reprodutor de desigualdades, o racismo preserva o caráter político do conceito de raça, sua conservação e atualidade, mesmo sendo insustentável do ponto de vista biológico (ALMEIDA, 2019; CARNEIRO, 2011).

A prática da escravidão no Brasil converteu o africano em um escravo, o escravo em negro e o negro em uma pessoa apagada em nome da criação de um povo cordial e moreno. Sendo fortemente defendida a ideia de branqueamento no início do século XX por estudiosos brasileiros de diversas áreas, tendo o branco como o ideal, desqualificando as pessoas negras e fazendo com que os valores da cultura branca fossem exaltados e considerados como

superior, tornando o branco visto como algo positivo e o negro como algo negativo, desvalorizando, assim, o negro e suas raízes ao considerá-los inferiores, tido pelo ideal branco como insignificantes (FERREIRA E CAMARGO, 2013).

Sendo assim, o negro acabou de desenvolvendo como cidadão de segunda classe. Tendo o desenvolvimento de suas identidades vinculada ao redor de valores socialmente negativos, mantido por preconceito e discriminação. Devido a criação de mecanismos sociais sofisticados a delimitação do cenário de discriminação racial é mais difícil de ser realizada, pois a discriminação se dá de maneira dissimulada por meio de eufemismo, gerando a ilusão de que no Brasil preconceito não existe, o que obviamente é uma mentira (FERREIRA E CAMARGO, 2011)

Não é por acaso que desde a Independência até os dias atuais, qualquer prática político-social, preocupada com a chamada questão nacional, tem buscado excluir a população negra de seus projetos de construção da nação brasileira. Desse modo, não foi sem um propósito que os imigrantes europeus se concentraram em regiões que possuíam, do ponto de vista político e econômico, a hegemonia quanto a determinação do percurso do país, podemos perceber assim a existência de uma divisão racial do espaço em nosso país, um tipo de segregação, com uma grande polarização, sendo essa extremamente desvantajosa para a população negra. (GONZALEZ, 2020).

Carneiro (2011/2020), nos sinaliza que o problema racial possui um extenso estudo dentro do pensamento social brasileiro, contudo, aproximadamente durante toda sua cronologia, as compreensões teóricas que o analisam optam por, na maioria das vezes, adiar o reconhecimento da constância de práticas discriminatórias em nossa sociedade. O pensamento social brasileiro com respeito às relações raciais foi sofrendo modificações por meio das diferentes perspectivas pelas quais foi abordado, inicialmente possuía uma ótica pessimista em relação a configuração racial miscigenada na sociedade brasileira – final do século XIX, até às primeiras décadas do século XIX – posteriormente, passou a possuir uma visão fantasiosa acerca da essência das relações raciais criada no período colonial e decisivo na tendência racialmente democrática da sociedade brasileira, tendo Gilberto Freyre como o criador do mito da democracia racial: “Devemos nos considerar uma gente que goza de extraordinária paz e harmonia [...] [O Brasil faz] contraste com aquelas partes do mundo em que ódios raciais existem sob formas, por vezes, as mais violentas, as mais coisas.” (FREIRE, 1979 apud. CARNEIRO, 2020). O mito da democracia racial é sustentado no Brasil pela

aparente ausência de conflitos raciais escancarados, pela falta de segregação racial legal, pela existência de não brancos nas elites e pela miscigenação racial da população, sendo estes fatores usados como indicadores da tolerância racial. Esses elementos estimulam a falsa noção de que nossas relações raciais são melhores se comparadas às existentes em outros países (CARNEIRO, 2020).

O que acabou por encobrir a realidade vivida pelos negros no Brasil, ao passo em que somos todos iguais perante a lei e o negro é um cidadão igual aos outros, fazendo com que nosso país seja visto como um grande complexo da harmonia inter-racial a ser seguido por aqueles em que a discriminação é declarada. Isto ajuda o grupo racial dominante justificar sua indiferença em relação ao grupo negro, pois se o mesmo não ascendeu socialmente e não tem uma participação efetiva nos processos políticos, sociais, econômicos e culturais, o único a ser responsabilizado por tal fato é ele próprio, pois suas características fazem com que ele desempenhe naturalmente os papéis sociais inferiores (GONZALEZ, 2020).

A miscigenação racial em nossa sociedade vem sendo usada de diferentes modos, tanto político quanto ideologicamente – principalmente como elemento fundamental para o mito da democracia racial – a priori demonstrando um certo grau de tolerância racial, na proporção em que as relações sexuais entre brancos, indígenas, negros, serviria como indicativo da mesma – contudo este discurso desconsidera o estupro colonial praticado pelos colonizadores em relação às mulheres negras e indígenas. A posteriori a miscigenação tem estabelecido uma ferramenta eficiente para o embranquecimento do país através da organização de uma hierarquia cromática e fenotípica que tem em sua base o homem retinto e no topo o homem branco, fornecendo assim aos intermediários a prerrogativa simbólica de estar mais perto do ideal humano, ou seja, o branco. Esses fatores têm impactado principalmente os negros brasileiros, pois tal imaginário social que aponta uma relativa aceitação dos mais claros em detrimento dos mais escuros, aparenta explicar a diversidade nos modos como pessoas negras ou seus descendentes miscigenados assumem para se definirem racialmente, como por exemplo, moreno, moreno-jambo, moreno-claro, cor de caramelo, sendo todos estes reunidos na categoria pardos do IBGE. Desse modo, ninguém consegue definir se, isto é, raça ou cor. Possivelmente o uso do termo “pardo” sirva meramente para agrupar aqueles que tiveram sua identidade étnica e racial destruída pelo racismo, pela discriminação e pelo fardo simbólico que a negritude possui socialmente, assim não são capazes de dizerem o que são ou, apenas, não querem ser o que são. Essas distinções têm

realizado com precisão a fragmentação da identidade negra e impossibilitando que essa se torne um instrumento agregador no plano político para demandas coletivas por equidade social, pois pretos e pardos formam um grupo, no que concerne aos indicadores sociais, possuindo condições de vida parecidas e semelhantemente inferior se comparadas ao grupo branco, em razão disso hoje se define política e socialmente, a categoria negra como sendo a soma daqueles que o Censo classifica como pretos e pardos (CARNEIRO, 2011/2020).

### **3.1 Construção da identidade: um passeio pela história**

A construção da identidade, aborda não apenas processos pessoais, como também perpassa processos sócio-históricos. Tornando essa construção única, mas também coletiva. Atravessa diversos núcleos da vida do sujeito e se dá a partir das relações. Deste modo, é um processo psicossocial que engloba dimensões culturais, históricas, sociais, físicas e biológicas. Sendo assim, não é algo que venha pronto, algumas vezes é a interferência do outro que gera um processo de identificação. Esta interferência faz com que o sujeito se perceba enquanto negro, tendo em vista que ser branco é naturalizado e não necessita do outro para pontuar este fato. É importante ressaltar que a identificação através do olhar do outro não produz a identidade deste sujeito, cria apenas um modo de identificação (FERREIRA E CAMARGO, 2011).

Considero importante destacar a construção da identidade como sendo digna de interesse por parte da Psicologia. Pois segundo Silva (2001), a Psicologia é uma ciência que possui como objeto de estudo o indivíduo e busca estudar como este indivíduo afeta e é afetado pelo meio em que está inserido e, considerando a herança histórica deixada pelo Brasil, quando falamos em relações raciais pressupõe-se que os moldes como essas relações são construídas afetam de modo direto a subjetivação. Em vista disso, é imprescindível que a Psicologia admita a existência do racismo, como algo presente na sociedade brasileira, pois isto ajudaria que os profissionais em sua atuação conseguissem identificar os sofrimentos originados pelo aviltamento e sujeição da pessoa negra em nossa sociedade (SILVA E VIEIRA, 2018).

Pensando nisso, acredito ser relevante realizar a diferenciação entre identidade e identificação. Para Osório (2003) um método de identificação racial é um dispositivo estabelecido para deliberar onde se enquadram os indivíduos em grupos definidos pelas

categorias de uma classificação. Segundo este autor, existem três métodos de identificação racial: autoatribuição de pertença, onde o próprio indivíduo se considera pertencente a um grupo; heteroatribuição de pertencimento no qual outro indivíduo determina a qual grupo o sujeito pertence; o terceiro é a identificação de amplos grupos populacionais, que se dá através do uso de técnicas biológicas, como a análise de DNA.

Os dois primeiros métodos são os que comumente temos acesso, sendo o primeiro deles utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e por questionários socioeconômicos, etc. quando perguntam: “Qual sua cor ou raça?” oferecendo em seguida opções de classificação: branco, preto, pardo, amarelo ou indígena. Neste momento, a pessoa que irá escolher alguma dessas opções pode parar e analisar como se identifica ou marcar sem nem sequer refletir sobre o assunto, pois já tem isso trabalhado em si, o modo como a pessoa se reage nessa situação é resultado de uma consciência racial ou falta dela.

Já heteroidentificação pode ocorrer dentro do nosso cotidiano, pois algo corriqueiro em nossa vida, constantemente somos identificados pelos outros como negros. Às vezes de maneira aberta, outras vezes através de eufemismos. Dizer que alguém é negro/preto para alguns ainda é tabu. Ouvimos variadas formas para dizer que somos negros, sem que isto seja realmente dito com todas as letras. A heteroidentificação também pode se dar por via institucional, como ocorre no caso das comissões de heteroidentificação, que são dispositivos para confirmação de candidatos para políticas de ações afirmativas, como as cotas raciais para ingressar no ensino superior, que se autodeclaram negros. Cumprindo assim, a Lei de Cotas do ensino superior (nº 12.711/2012) que reserva 50% das vagas em todos os cursos de instituições federais de ensino superior para alunos que estudaram integralmente o ensino médio em escola pública. Cada universidade possui seu próprio edital para indicar como ocorrerá o processo de heteroidentificação. Um exemplo é a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) que possui uma comissão de heteroidentificação que realiza uma avaliação para julgar aspectos fenotípicos do candidato, ou seja, o conjunto de características físicas do indivíduo: a cor da pele, a textura dos cabelos e os aspectos faciais que, associados ou não, serão capazes de validar ou invalidar a autodeclaração, não sendo permitido a utilização de qualquer outro critério, inclusive as considerações sobre a ascendência do candidato. Os membros da comissão analisarão os documentos apresentados pelo candidato e emitirão seus votos de forma individualizada. O parecer final da comissão será determinado

pela maioria simples dos votos do grupo, homologando ou não homologando a autodeclaração (UFMA, 2021).

Segundo Piza e Bento (2003) a coleta de cor no Brasil usualmente serve como encadeador de insegurança e embaraço tanto para coletores quanto para declarantes. Tendo em vista que entre atribuir a cor e dá nome a ela ocorrem inúmeros fatores determinados pela condição social, regional entre outras. Nesse contexto há um fato “verdadeiro” sobre a cor entre brancos. De não haver precisão de inquirir algo que é “explícito”. E, entretanto, uma pessoa pode apresentar traços brancos, mas ser de origem negra. Contudo, o que aparenta ser mais significativo é como a outra pessoa vê, e não como essa pessoa se vê. As autoras revelam que a partir de meados da década de 70, o Movimento Negro Brasileiro passou a demandar o reconhecimento de uma categoria política, seja ela negros, para dar nome ao conjunto da população de pretos e pardos sem levar em conta a aparência, ou seja, miscigenada poderia declarar-se negro, ainda que seus traços fenótipos indicassem que ela se encaixaria na categoria branco. Todavia, negro não é cor. “É um sentimento que significa pertencer a um grupo racial, independentemente de sua aparência fenotípica.” (PIZA; BENTO, 2003, p.67)

Sabendo então que o mais visível dado de aparência, ou fenótipo, é a cor da pele, que se caracteriza por maior ou menor quantidade de melanina. A cor da pele é provavelmente o mais potente determinador de lugares sociais, ancorados no imaginário brasileiro, pelo termo “raça”. Sendo esta uma subdivisão utilizada para caracterizar espécies animais, ela não deveria se aplicar aos seres humanos, pois as diferenças culturais não impossibilitam a aproximação nem a ligação entre os seres humanos. Dentro do contexto aplicado a grupos humanos, o termo raça pode significar povo ou nação. Tradicionalmente, o termo “diversidades raciais” e tudo que englobam é artificial, ou seja, invenção do homem (PIZA; BENTO, 2003).

Desta forma, raça é uma categoria que obtém sentido exclusivamente no momento em que é relacionado a experiência do racismo. As autoras questionam qual seria a necessidade de manter uso do termo ‘raça’ quando relacionado a cor e, mais a frente respondem a este questionamento dizendo: que por mais que rejeitemos o uso da categoria raça, considerando que está nada mais é do que preconceito, interesses e valores, ainda sim, esta concepção, possui uma veracidade evidente no cotidiano, pertencendo a uma realidade social que tem influenciado milhares de seres humanos que são alvos diários de seu uso indevido.

Conseqüentemente é necessário que haja a identificação da presença deste fato social para poder promover o enfrentamento mais efetivo ao racismo, necessitando igualmente de estratégias específicas (PIZA; BENTO, 2003).

Agora que já nos situamos em relação a identificação, passaremos as identidades. Segundo Lima (2008), identidades raciais têm uma ligação estreita entre a semelhança de si próprio e a identificação e diferenciação com o outro. Estas identidades são desenvolvidas dentro das tramas relacionais. Deste modo, é algo que está em constante mudança, ou seja, está em contínuo processo de construção, a partir dos modelos culturais e históricos, e das relações que são concebidas na vivência em sociedade. Não esquecendo que ao falarmos em construção de identidade racial, falamos sobre uma construção que possui cicatrizes produzidas ao longo dos séculos de exploração ao escravismo. Por conseguinte, as identidades possuem características histórico-cultural, características estas que são circunscritas por conceitos de etnia, que está interligada com o percurso histórico deste povo em relação com outros grupos.

Percebemos então, que essa construção de identidades não serve apenas para demarcar um conhecimento acerca de si, mas também para um reconhecimento social. Construir uma identidade negra está ligado a elementos políticos e históricos que remontam à ancestralidade africana e toda resistência produzida por africanos e afro-brasileiros no período da escravidão e pós-abolição e nos dias de hoje serve como posicionamento político contra os moldes no qual a sociedade se estabelece (LIMA, 2008).

Lima (2008) retrata que a construção identitária no Brasil está ligada a vivências mediadas por condições concretas que inseriram a maioria da população negra nas classes baixas, em subempregos, desemprego, analfabetismo, em situações, às vezes, miseráveis, ou seja, a construção da identidade de pessoas pretas por vezes acontecem em condições desumanas, este fato nos permite observar o quanto o Brasil, quando falamos de relações étnicas, não possui uma política de representatividade, o que leva às identidades não manifestadas, benefícios negados e dignidade roubada (LIMA, 2008).

Já Carneiro (1993), ao falar sobre identidade pontua que a mesma, é primeiramente, resultado de uma produção histórico-cultural, onde nascemos com uma determinação biológica – mulheres ou homens; ou nascemos com uma determinação racial – negros ou brancos. E a partir dessas definições raciais ou sexuais, será construída uma identidade social para diferentes sujeitos. Sendo a construção de identidade fundamentada a partir de

componentes históricos, culturais, psicológicos e religiosos. Mas ainda segundo a autora, nada disto seria um problema se a diferença não estabelecesse um grau de inferioridade para algumas destas identidades dentro da cultura ocidental, o que significa dizer que a identidade é gerada em oposição a alguma coisa – ao outro. No caso da identidade feminina, esta evidencia a diferenciação em relação ao masculino.

Historicamente são utilizados argumentos pseudocientíficos para justificar as opressões sofridas pelas mulheres ao longo da história. Alguns destes partem do viés religioso, ao considerar a mulher como uma criatura feita a partir da costela de Adão, com o intuito de auxiliar o homem. Outros de viés cultural onde é dito o que é socialmente aceitável à mulher, quais são as roupas que pode vestir, as atividades que pode se dedicar e quais são aquelas destinadas aos homens. Esses argumentos servem como justificativas para construir uma identidade negativa à mulher, para desta forma legitimar as opressões e os diversos números de subordinação a que as mulheres estão sujeitadas, promovendo desta forma, uma aceitação por parte delas de um papel subordinado socialmente (CARNEIRO, 1993). Visto isso, percebemos que as relações raciais e de gênero servem de base para o desenvolvimento e construção da identidade.

### **3.2 Mulher negra: afetividade e solidão**

Nos dias de hoje é possível verificar a interferência exercida pelo paternalismo e pela ideologia da feminilidade, no que se refere ao modo como as mulheres são vistas socialmente. Ao longo da história as mesmas eram vistas como seres frágeis que necessitavam de cuidados e atenção. Indivíduos que devem ser protegidos do mundo, devendo ser dóceis e subservientes. Porém, quando nos debruçamos sobre a história percebemos que não se inclui todas as mulheres nessa ideologia, às negras resta apenas a servidão. Não sendo consideradas nem como pessoas, quiçá como mulheres (CARNEIRO, 2003; DAVIS, 2016).

Durante o século XIX o crescimento da ideologia da feminilidade frisava o papel das mulheres como mães, companheira e donas de casa gentis, para com seus esposos, tornava as mulheres negras um desvio do padrão, elas destoavam do que se apresentava como ideal feminino. Do mesmo modo como os meninos eram mandados para o campo ao alcançar determinada idade, as meninas eram estabelecidas no trabalho no solo, coletando grão, colhendo tabaco, cortando cana (DAVIS, 2016). Analisando o mito da fragilidade feminina,

que defendeu historicamente a custódia paternalista dos homens sobre as mulheres, percebemos que as negras, em sua maioria, nunca viveram este mito, pois nunca foram tratadas como vulneráveis. Mulheres negras raramente eram vistas como mulheres, no que diz respeito ao significado e interpretação deste termo, mulheres negras não eram zeladas como um sexo frágil ou vistas como donas de casas, elas eram vistas de acordo com a vontade de seus proprietários (CARNEIRO, 1995; DAVIS, 2016).

Segundo Davis (2016) mulheres negras efetivamente trabalharam mais fora de casa do que as mulheres brancas. O trabalho, que nos dias de hoje, ocupa um enorme espaço na vida das mulheres negras, são resquícios do padrão consolidado ainda nos primeiros anos de escravidão. Enquanto escravizadas, estas mulheres possuíam os outros âmbitos de suas vidas inviabilizados pelo trabalho forçado. Durante a escravização os povos negros eram tratados como posses pelo sistema escravagista da época. Enquanto as mulheres negras eram consideradas iguais aos homens, no que se referia a sua força de trabalho, no que interessava aos donos dos escravos, estas eram desprovidas de gênero (DAVIS, 2016).

Desta forma, quando pensamos no trabalho, no esforço para realizá-lo e no lucro, não existia distinção de gênero, mulheres e homens trabalhavam e eram punidos como iguais. No entanto, as mulheres acabavam por sofrer outros tipos de violência, pois o estupro era uma prática comum ao qual apenas elas poderiam ser submetidas (CARNEIRO, 1995; DAVIS, 2016). O modo como as mulheres eram tratadas, se dava a bel-prazer dos senhores, quando o lheres era benéfico usá-las como força de trabalho, eram vistas como homens, destituídas de gênero, porém, quando era conveniente que fossem usadas, castigadas e violentadas, de modo que somente as mulheres poderiam, elas eram limitadas a sua posição enquanto fêmeas. O estupro, servia como extensão do domínio do proprietário e como forma de controle dos fatores sobre as escravas (DAVIS, 2016).

As mulheres negras, na condição de escravizadas passaram não apenas a ser vistas como uma força de trabalho, mas também como reprodutoras, para gerar mão de obra de maneira natural e ampliar o contingente de escravizadas e escravizados para servirem aos seus proprietários. Mas em momento algum, essas mulheres eram vistas como mães de seus bebês, a exaltação da ideologia da maternidade, que estava em alta no século XIX, não englobava as escravizadas. Seus donos não as viam como mães, para eles as escravizadas eram apenas um instrumento de reprodução que permitiam o aumento da força de trabalho escrava, deste modo, suas crianças poderiam ser afastadas delas e vendidas (DAVIS, 2016).

Enquanto as mulheres brancas se viam protegidas, os estupros eram corriqueiros na vida das escravizadas, a miscigenação que se origina desta prática formou as bases que fundamentam o mito da democracia racial brasileira (CARNEIRO, 1995).

A brancura continuamente era considerada como o modelo ideal, quando se falava sobre o feminino, essa verdade se torna unanimidade. Principalmente por conta da cor e da significação trazida pela mesma. O homem negro percebia nela a possibilidade de embranquecer sua descendência. O homem branco via a promessa de preservar sua brancura. Desta forma a mulher branca se tornou a mãe e esposa almejada por ambos. Sendo esta mulher a representação do ser mulher, em qualquer esfera que ocupasse, seja mãe, dona de casa ou esposa, a imagem de mulher perfeita dentro desse modelo patriarcal. Por possuir esse título de “perfeita”, ela sempre obteve privilégios, cortesias por parte dos homens, que buscam agradá-las, ainda que de alguma forma os homens fizessem isso com o intuito de dominação. As mulheres brancas do século XIX não eram vistas como sedutoras ou sexuais, eram exaltadas como “a metade mais nobre da humanidade”, cujo dever era possibilitar a elevação do homem e suscitar os mais elevados desejos neles. Vistas como deusas virtuosas, puras e imaculadas, mulheres brancas eram reconhecidas, como seres não sexuais. A mulher branca foi transformada em um mito de pureza e virtualidade, uma metafórica virgem Maria, desta maneira os homens brancos puderam percebê-la como isenta de estereótipos negativos trazidos por serem mulheres (HOOKS, 2020).

Porém se a branca atinge esse patamar quase mítico, alguém precisa assumir este lugar de objeto sexual, surge então a figura daquelas com o “corpo feito para o pecado”, segundo hooks (2020) os colonizadores brancos buscavam refrear sua sexualidade, em virtude dos seus medos no que tangia a impulsos sexuais e por possuírem valores que diziam que sentimentos sexuais eram pecados que poderia conduzir ao castigo eterno. Desta maneira homens brancos do período colonial culpabilizavam as mulheres pela luxúria e, conseqüentemente nutriam por elas o mesmo receio e apreensão que associavam a sexualidade em geral. Com a chegada dos negros às colônias estadunidenses, mulheres e homens negros se defrontaram como uma sociedade desejosa para instituir a identidade de “selvagem sexual” sobre os africanos escravizados, conforme os colonizadores assumiam uma moral sexual, com ainda maior prazer demarcavam pessoas negras como sendo a pagãs sexuais. Segundo a autora, concomitantemente com essa alteração na imagem da mulher branca, vista agora como senhora virtuosa, acentuou-se a exploração sexual das mulheres negras escravizadas. Devido

às mulheres serem rotuladas como criadoras do pecado sexual, as mulheres negras eram obviamente vistas como a personificação do mal feminino e da luxúria. Eram vistas como Jezabel – personagem bíblico – e, sobre elas que caíram as acusações de desviarem os homens brancos de sua pureza espiritual, levando-os para o pecado. Pois as doutrinas religiosas sexistas da época ensinavam aos homens que as mulheres os enfeitiçavam, sendo desta maneira comum acreditar que os mesmos sucumbiam a tentação sexual causada pela mulher, em especial as negras.

Apesar de os escravizadores brancos quererem que acreditemos que o estupro instituído durante a escravidão era apenas uma expressão dos impulsos sexuais dos homens brancos – incentivados pela luxúria das negras – sabemos que essa ideia, além de errada, é pouco ou nada explicativa. O estupro servia como arma de dominação, arma de repressão, com o único objetivo, não tão explícito, de extermínio do desejo das escravas de resistir e, nesse decurso desqualificar seus companheiros. A exploração sexual das mulheres negras, foi um método ainda mais desumano e desmoralizador do que a exploração de sua força de trabalho, tanto no campo quanto no ambiente doméstico. O sexismo dos escravagistas brancos do período colonial evitou que homens negros escravizados sofressem a humilhação do estupro homossexual e demais formas de assédio. Enquanto isso o sexismo institucionalizado criara um sistema social que validava a exploração sexual das mulheres negras, sendo assim, as mesmas viviam em constante estado de alerta e terror, pois estavam em situação de vulnerabilidade sexual, pois a qualquer momento um homem, fosse ele negro ou branco, poderia escolhê-la para assediá-la e estuprá-la (HOOKS, 2020; DAVIS, 2016).

Akotirene (2020) nos diz que diferente do que o imaginário ocidental prega, as mulheres negras defenderam o abolicionismo e o sufrágio, preocupadas em superar toda e qualquer opressão sem precisar de credencial acadêmica para que validasse seus conhecimentos. A teoria feminista pontuou que os discursos masculinos produzidos pela ordem patriarcal eram responsáveis por moldar subjetividades femininas condicionadas a tornar a mulher uma categoria de Outro: boas esposas, filhas obedientes, mães compulsórias e cúmplices das violências praticadas contra elas. Percebemos então que mulheres negras, na condição de Outro, apresentaram ação, pensamento e sensibilidade interpretativa contrária à ordem patriarcal racista, capitalista, sem nenhuma conformidade subjetiva com a dominação masculina. As mulheres negras decidiram lutar pelo sufrágio e pela abolição, defenderam os homens negros e suas companheiras brancas afirmando que, tanto analítico, como descrito ou

isolador de outras categorias de análises, o marcador gênero expõe as violências sofridas pra mulheres brancas, assim como a categoria raça demonstra o racismo sofrido por homens negros. A interseccionalidade nos revela mulheres negras posicionadas longe da cisgeneridade branca heteropatriarcal. Mulheres de cor paradas pelas diferenciações, dispostas a excluir identidades e subjetividades complexificadas, a partir da colonização até os dias atuais. A interseccionalidade recomenda que a raça traga subsídios de classe-gênero e esteja em um patamar analítico. Pois pretos e pretas são pretos e pretas em qualquer parte do mundo. Na variedade de identidades a cor da pele não se desarticula da identidade preta, pois não somos capazes de fugir da raça e das conexões entre categorias analíticas

Em uma sociedade racista ser negro gera desigualdades, mas em uma sociedade que além de racista também é patriarcal, ser uma mulher negra pode se tornar um problema enorme. É o que Gonzalez (2020) aponta como tripla discriminação, que se dá nesse encontro entre o racismo e o sexismo, que coloca a mulher negra no mais alto nível de opressão, no qual a negra sofre preconceito por ser mulher, mas também sofre preconceito por ser negra, e algumas vezes este preconceito se dá até por parte dos seus, principalmente no que diz respeito a relacionamentos afetivo-sexual. O que Gonzales chama de tripla discriminação, pode ser estudada a partir da interseccionalidade, pois esta possibilita uma postura crítica em relação à política, com o intuito de compreender a fluidez das identidades subalternas prescrita por preconceitos, submissão de gênero, de classe e raça e às opressões que estruturam a matriz colonial moderna na qual são geradas (AKOTIRENE, 2020).

Acerca dos relacionamentos afetivo-sexuais, Berquó (1987, apud PACHECO, 2013) nos aponta que:

1. As mulheres de peles mais escuras têm maior dificuldade para encontrar parceiros;
2. As mulheres negras são preteridas quando se trata de relacionamento estável, seja com homens negros ou brancos, perdendo para as mulheres brancas na disputa marital;
3. Os homens negros são os maiores responsáveis pela miscigenação, devido sua predileção afetiva por mulheres brancas ou mulheres de pele clara;

O resultado disto é um grande índice de mulheres negras sozinhas.

O estudo de Pacheco (2013) enfatiza as dinâmicas da dimensão social e simbólica das “escolhas” afetivas das mulheres negras, assim como de seus pares, em um cenário social específico – Salvador/BA; realizando um recorte empírico acerca das mulheres negras sem

parceiros fixos, ou seja, que não estão em nenhum tipo de relacionamento afetivo estável, para tal, ela analisa o percurso histórico, social e afetivo de ativistas negras e de mulheres negras não-ativistas.

A autora faz um verdadeiro compilado de diversas pesquisas que tratam sobre raça, gênero e afetividade, partindo da década de 1930 até a década de 1980. O que percebemos é que a realidade não se modificou tanto de lá para cá. Partindo deste fato, notamos o quanto mulheres negras, em uma sociedade formada majoritariamente por negros – de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) cerca de 54,6% da população brasileira se autodeclara preto e pardo – ainda são preteridas. Como afirma Gonzalez (1984) a mulher negra é naturalmente associada à figura da cozinheira, faxineira, servente ou prostituta, podendo ser vista sob pontos de vista distintos dependendo do contexto. Esses estereótipos que mulheres negras carregam em nossa sociedade, faz com que dificilmente sejam vistas como alguém para um envolvimento afetivo estável.

É a partir desses estereótipos que Pacheco (2013) desenvolve sua pesquisa, buscando analisar como essas representações sociais acerca das mulheres negras, no contexto brasileiro, mais especificamente baiano, estruturam as vivências e a afetividade dessas mulheres. A autora procura mostrar como para além dos estereótipos, existe toda uma trama social alicerçada na raça e no gênero, trama esta que interfere nas “escolhas” afetivas das mulheres negras. Deste modo, a mulher negra (preta e parda aqui incluídas) ao mesmo tempo que é excluída do mercado afetivo, é incluída no mercado do sexo, e vista como objeto sexual e/ou força de trabalho. No entanto, as mulheres brancas, nessa concepção, são vistas como compatíveis com o casamento, com a união estável. Foi a assimilação dessas ideias que permeiam o imaginário social e, em certa proporção, o imaginário acadêmico brasileiro, que influenciaram a escolha deste tema como objeto de investigação. Na hipótese de realmente existir uma democracia para relações inter-raciais, como explicar a solidão afetiva das mulheres pretas e pardas neste paraíso racial que chamamos de Brasil? Critérios de raça e gênero quando associados, são dois marcadores sociais que causam um maior impacto nas mulheres negras quando o enfoque é o processo de exclusão afetiva-sociocultural em relação aos outros grupos (PACHECO, 2013).

Entendo que tratar sobre a questão racial no Brasil, acaba por envolver diversos fatores, tanto ideológicos quanto políticos. Também reconheço que tratar de relações raciais em nossa sociedade é labiríntico. Mas quando examino estas questões pelo ângulo das

relações afetivo-sexuais, que inevitavelmente abrange questões sociais, de raça e gênero, me vejo diante de uma colcha de retalhos, um quebra-cabeça. Percebo como tudo está interligado e o quanto é importante observar a história como um todo para obter um panorama.

O trabalho da Pacheco (2013) nos oferece este panorama, auxiliando a encaixar algumas peças deste enorme quebra-cabeças e visualizar um pouco como se dão as relações afetivo-sexuais das mulheres negras. Permitindo desvelar a enorme estrutura que é o colonialismo e o machismo. Assim como estruturas com operações semelhantes que foram fundadas a partir da estrutura racial que colocam a mulher negra na base da pirâmide social. Segundo Carneiro (2003), as dificuldades em ser negra em nossa sociedade estão para além de superar as desigualdades elaboradas pela hegemonia masculina, é imperativo, também, a superação de ideologias complementares deste sistema de opressão. Mulheres negras lutam contra a opressão de gênero, raça e muitas vezes de classe.

#### **4. MULHER NEGRA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE: DIÁLOGOS SOBRE VIVÊNCIAS**

Souza (2008), em sua pesquisa dialoga com alguns autores acerca da questão da identidade e relata que identidade, como categoria essencial do psiquismo humano, vem sendo estudada na Psicologia Social desde William James (1842-1910). Ao se referir ao conceito de identidade, o autor utiliza diversas expressões: imagem, representação e autoconceito. Muitas vezes envolve aspectos de conteúdo identitário: conjunto de traços, imagens de sentimentos, assimilado pelo sujeito como sendo parte de si mesmo.

Hilgard e Atkinson (1979) estabeleceram a distinção entre self e personalidade, esses autores esclareceram que o conceito de self vivo, que está intimamente relacionado a questões filosóficas, foi excluído da pesquisa psicológica até que os psicólogos começaram a reconhecer a necessidade de algum tipo de princípio unificador ou a base para forma pela qual o indivíduo percebe a si próprio (apud SOUZA, 2008).

A partir do contexto histórico e social em que o homem vive e opera, surgem as possibilidades e impossibilidades, bem como os caminhos e alternativas à forma histórico-social de sua identidade como indivíduo. Nessa visão, a identidade pessoal pode ser entendida simultaneamente como uma identidade social, superando uma falsa oposição. O indivíduo é simultaneamente personagem e autor. Em se tratando de identidade, porém, não é possível abdicar da reflexão sobre as categorias raciais e de gênero para compreender melhor as mulheres negras e suas histórias. O termo raça inclui implicitamente os conceitos de diferença e diversidade. Dessa maneira, é somente em contraste com outros que, em determinada situação, grupos e seus membros podem se diferenciar e conseguir estabelecer sua própria identidade, ou seja, sua identidade racial (SOUZA, 2008).

Este capítulo tem como objetivo analisar a trajetória das quatro mulheres entrevistadas em relação a sua construção de identidade. Foram utilizados nomes fictícios de origem africana para preservar a identidade das mesmas.

##### **4.1 Amina: Por que deixei de falar sobre racismo com pessoas brancas**

Amina, 25 anos, autodeclara-se preta, é solteira, bissexual. Formada em Pedagogia. Não tem filhos.

Vem de uma família predominantemente branca, filha adotiva (não tem contato com a família biológica), é a única mulher negra na casa, possuindo mãe e irmã brancas, assim como o pai de sua irmã. Seu único familiar negro seria seu pai, mas não possui tanto contato com o mesmo após a separação de seus pais, quando tinha cinco anos.

Amina relata que foi “*dolorido*” se perceber “*diferente*” por estar rodeada de pessoas brancas não se percebia enquanto alguém não branca, considerava a dinâmica familiar normal:

*Todas as falas, todos os atos de... de racismo mesmo, comigo ou com as pessoas que gostava que são pessoas negras e aí eu ficava... não percebia, pra mim era assim passável e depois eu comecei a buscar, né, assim na minha mente todas as experiências, lembrar, tipo assim, eu não lembrava mais, que eu tinha... que eu tinha vivenciado...*

Eddo-Lodge (2019), em seu livro “Por que eu não converso mais com pessoas brancas sobre raça” traz uma conversa com Jessica uma jovem mestiça, que conta as dificuldades de estar nesse “limbo” de não ser considerada suficientemente branca e nem suficientemente preta: “Durante toda a minha infância e durante toda a minha vida adulta, tive a sensação de ser diferente e um pouco estranha. Eu nunca consegui entender porque me sentia deslocada. Agora que estou mais velha e entendo as coisas, acho que era por causa da raça.” Apesar de estarem em países completamente distintos e com culturas distintas, sendo Amina brasileira e Jessica inglesa, percebemos que seus discursos acabam se encontrando e produzindo uma interpretação de sentido sobre a realidade que vivenciam: a dor de serem diferentes dentro de famílias inter-raciais e a dificuldade desses pais em uma educação racializada.

Amina prossegue dizendo que não tem como transformar as pessoas de seu convívio familiar, pois já se desgastou bastante durante as tentativas, hoje percebe que o racismo está mais velado dentro de sua casa e que apesar de ainda presenciar falas e atitudes racistas em sua presença, diz que a frequência é pouca e que geralmente não são direcionadas a sua pessoa, mas que ainda sim, indiretamente, é afetada e diz ser doloroso relembrar fatos de sua infância e juventude. Eddo-Lodge (2019) por sua vez prossegue com o relato de Jessica que fala sobre seu tio e primo que tem tido atitudes racistas e que tinha tentado conversar com eles sobre porque algumas de suas atitudes são racistas e o porquê seria prejudicial para ela e não

chegou a lugar algum, tendo em vista que eles a viam falando a respeito de raça como se ela fosse o problema, ela relata não ter como conscientizar toda a família e por isso acabou se afastando de alguns.

Algo notável nos dois discursos é o racismo, às vezes velado, às vezes escancarado e o distanciamento em relação à família branca gerado pelo mesmo, tendo em vista que por vezes é complicado conversar sobre raça e racismo quando a família, muitas das vezes, não está disposta a ouvir. É perceptível nos escritos de Eddo-Lodge (2019), o quão comum é que indivíduos que possuem pessoas negras na família usem discursos por vezes racistas e se isentem dizendo que “está tudo bem porque seus filhos são negros.” (p.111 versão Kindle).

Em vez de relações inter-raciais provarem que a sociedade está acima da raça, elas provam que as ações das pessoas geralmente se movem mais rápido do que o progresso social. Faz sentido que os casais inter-raciais não queiram se sobrecarregar com o peso deprimente da história racial ao planejar suas vidas juntos, mas uma abordagem que fecha os olhos para a questão da cor dificulta a vida das crianças que não merecem esse descuido. Parece que, da mesma forma que casais de longo prazo podem discutir casamento, dinheiro e filhos, casais de diferentes heranças devem discutir sobre raça – o que isso significa para eles, como isso afeta atualmente suas vidas e como isso pode afetar a vida de seus futuros filhos. (EDDO-LODGE, 2019, p.113 versão Kindle).

Isso não quer dizer que uma criança negra que tenha a mãe branca ou que foi adotada por uma família branca ou inter-racial, não receba amor e apoio, contudo é necessário pensar se esses pais que nunca experienciaram o racismo estão preparados para enfrentar o racismo que seus filhos sofrerão. Eddo-Lodge (2019) destaca que pessoas brancas que estão em relacionamento inter-raciais, que têm filhos mestiços ou adota filhos negros, o jeito de fazer essas relações funcionarem é se comprometerem a terem uma postura antirracista, sendo humildes e aprenderem que eles são racistas, mesmo quando pensam que não são.

A realidade escolar não difere muito da família, estava rodeada de pessoas brancas, Amina diz que: “*raramente eu tinha uma amiga preta, de me identificar mesmo, de ter um laço e eu queria ser igual as minhas amigas brancas [...]*”. Relembra que durante um tempo buscava comportar-se como seus amigos brancos, sorrir e gargalhar como os mesmos faziam,

*eu não queria sorrir da minha forma, eu não queria... sei lá, usar meu cabelo, assim, sei lá, usar meu cabelo da minha forma, tanto é que eu cheguei a alisar até, o meu cabelo durante uma época, só que foi bem breve assim, esse processo de alisamento, porque danificou muito e aí eu fiquei muito malzinha, assim de autoestima e aí eu parei logo de alisar, mas na escola foi muito assim. Era um*

*contexto que me fazia querer mudar, a qualquer custo, tanto o meu jeito, tanto a forma de... de eu interagir com outras pessoas [...]*

Bento (2002), diz que no Brasil, o branqueamento é normalmente considerado como um problema do negro que, encontra-se descontente ou desconfortável com sua condição de negro, e procura identificar-se com o branco, miscigenando-se com ele para diluir suas características raciais. Nesse processo o branco é visto como modelo universal de humanidade, sendo objeto de cobiça e de desejo dos outros grupos raciais não brancos e, portanto, vistos como não tão humanos. Porém ao se estudar o branqueamento percebe-se que foi um processo inventado e mantido pela própria elite branca brasileira, ainda que seja apontado por essa mesma elite como um problema do negro brasileiro. Dessa maneira o grupo branco se autodetermina como padrão de referência para toda uma espécie fazendo uma apropriação simbólica crucial que fortalece a autoestima e o alto conceito deste grupo, em detrimento dos demais e essa apropriação acaba por legitimar sua supremacia econômica, política e social. Por outro lado, a um investimento na construção de um imaginário exacerbadamente negativo sobre o negro, roubando sua identidade racial, danificando sua autoestima e o culpabilizando pela discriminação que sofre e finalmente justificando as desigualdades raciais. É possível contemplar essa realidade ao longo do discurso de Amina que traz vivências de como essa construção social formada com base em uma prática sistematizada em estereótipos e preconceitos afetam a vida de pessoas negras e o modo como se veem em relação aos outros.

Refletindo sobre seu período escolar lembrou que na escola sentia que precisava se esforçar muito, que *“era bem nerd para compensar a minha falta”*, notava um não acolhimento em seu ciclo de amizade, pois mesmo que buscasse inserir conversas abordando questões raciais, acreditava que *“ninguém me acolheria da forma que precisava ou que acreditava precisar.”* E isso fazia com que não permitisse que pessoas do seu ciclo de amizade se aproximasse tanto de suas particularidades:

*Tô lembrando agora, de assuntos, assim, mesmo pessoais que eu falava assim... tipo... minhas amigas falavam “ A Amina me conta sobre isso” que eu sou adotada, então... eu sou adotada e meus pais se separaram quando eu tinha 5 anos, então foi, foram eventos assim, notícias que foram muito traumáticas mesmo pra mim ainda criança e aí quando elas tentavam me acessar mais intimamente eu não... não permitia, assim tipo, não... não vou te dar esse acesso, eu quero só ser sua amiga nesses... nesses momentos, quero ser... quero me esforçar pra ser igual a você, esse... esse lugar de dor, de trauma você não... não vai acessar.*

O contexto familiar e interpessoal, provavelmente dificultou o processo de construção da identidade de Amina, a mesma, estudou em escolas particulares e sua graduação também foi em instituição privada, onde seu ciclo de amizades era “predominantemente branco”. Devido a esses fatores a sua busca em se reconectar com questões raciais e questões de ancestralidade se deu a poucos anos, ao pensar em uma data ela disse que mais ou menos em 2019 pois iniciou terapia o que ajudou a caminhar neste percurso, assim como buscou se “aquilombar mesmo, me rodear de pessoas pretas [...]ter mais contato, compartilhar as minhas vivências e, acolher também a de outras pessoas e aí foi assim, foi... tá sendo a passos lento, mas acredito que... pra mim esse é o caminho, vou caminhar dessa forma.”

Amina diz se sentir muito presa, por estar inserida no contexto familiar que adocece, num contexto de trabalho que percebe que as pessoas pretas não são valorizadas, mas ainda busca modos de se fortalecer para melhorar sua autoestima pois:

*Quando eu tô me sentindo com baixa autoestima, nunca é sobre a minha pele, nunca é sobre a textura do meu cabelo ou sei lá, meu nariz, a minha boca, enfim... é... é sempre muito mais externo, assim, sabe? É muito mais como eu sou encarada na rua, é muito mais sobre como no trabalho me tratam, sabe? Como nos estudos eu tô conseguindo ser produtiva ou não, é muito mais sobre eu lhe dar com os outros e aí isso vem me afeta da forma que eu lido comigo mesma, então, quando eu tô com baixa autoestima é muito mais sobre os outros, infelizmente, mas eu luto, assim, pra me reconstruir, pra eu não me deixar me afetar tanto, mas ainda como mulher preta eu acho que eu ainda me sinto muito aprisionada e... e é isso, eu tento encontrar formas de me sentir, eu acho que livre é uma palavra muito forte, mas confortável em alguns lugares, né? Então, eu faço escolhas muito pontuais, né? Escolhas no sentido de estar e de com quem estar. Então eu tento fazer essas escolhas pra que eu me sinta mais fortalecida, mais empoderada mesmo. Assim, no sentido real da palavra. Que eu não precise me sentir enfraquecida, é meu caminho.*

Berth (2020) pontua que nossa visão de nós mesmas foi deturpada e manipulada pelo colonizador de forma profundamente negativa e agressiva, pois ele precisava introduzir em nossas mentes a concepção que o favorecia: a de inferioridade e desumanização. A autora ressalta que não é porque o sujeito que pertence a um grupo oprimido desenvolveu o pensamento crítico acerca da sua realidade, ele passa a ser isento da dimensão estrutural que o coloca sobre situações degradantes, essa é uma das razões pelas quais o empoderamento é um processo gradual.

Amina conta que nunca se sentiu influenciada pela mídia e afirma que gostava tanto de artistas brancos, quantos de artistas pretos, mas que em algum momento de sua vida já quis parecer com artistas brancos. Mas ao parar para pensar, a primeira pessoa que vem à cabeça quando fala de referência é a Taís Araújo, narra que ama todas as fases pela qual a atriz

passou, e se apegava muito a isso. Conta que tem uma prima que ela acha parecida com a atriz, mas as pessoas brancas com quem elas tinham convívio diziam que as duas eram muito parecidas com a Taís Araújo e ela ficava pensando

*Será que a Taís Araújo é a única mulher preta que existe que a gente parece? Ficava pensando muito, mas ainda sim a gente gostava, né? De ter alguém com quem a gente se parecia. E aí eu me apegava muito a essas poucas pessoas que eu via assim, sendo de nível internacional, nacional, gostava né? Da ideia de um dia eu querer me parecer com elas.*

Atualmente busca mais referências para que não se apegue a “*todo o mundinho da branquitude e o que ela impõe*”, em relação a corpos, pele e cabelo.

No final da entrevista perguntei a Amina qual mensagem ela gostaria de deixar as meninas e mulheres que estão passando pelo processo de construção de identidade, a resposta dela, foi essa:

*Eu diria pra que ela se cercar-se ao máximo de referências e pessoas boas, sabe? Porque não adianta se aquilombar de pessoas pretas que de certa forma vão te enfraquecer, a gente tem que saber escolher muito bem, principalmente quando esse nosso autoconhecimento, vem de, entre aspas, forma tardia, então existe ciclos e ciclos e aí você precisa saber onde você... saber e escolher bem, onde você vai tá, né? Com quem você vai tá. Então se cerque de referências, gosta muito de mídia, gosta muito de filmes, música, cinema, cerca de referências [...]. Alimente isso, alimente isso dentro de você, sabe? Tome formas de se orgulhar de você e do que você gosta. Não tô dizendo pra você rejeitar mídia de pessoas brancas, não, mas se cerque de... sabe? Se... se... não quero dizer pra criar uma fortaleza de forma alguma, mas se cerque mesmo de boas referências, de boas pessoas.*

#### **4.2 Nefertiti: a importância de se (re)conhecer**

Nefertiti possui 28 anos, heterossexual, formada em Psicologia, autodeclara-se como negra. Atualmente está solteira.

Nefertiti relata vir de uma família miscigenada, onde apenas a sua mãe possui a pele escura, sua avó é branca, suas tias são negras de pele clara, dessa forma conta que apenas sua mãe seria lida como negra. Seu pai possui traços indígena, o que segundo ela dificultou sua identificação enquanto mulher negra, apesar de saber que não era uma pessoa branca, “*nem a morena*”, reconhecia ser diferente, possui cabelo liso, “*geralmente as pessoas não me identificavam enquanto uma pessoa preta*”, alguns lhe diziam que era morena, outros que era indígena, só que Nefertiti não possui identificação nenhuma com os povos indígenas “*tem toda aquela questão do ser reconhecida pelo povo, receber o nome e tal.*”

Nefertiti narra que a uns três ou quatro anos vem se identificando enquanto uma mulher negra, estudando e lendo sobre o assunto e buscando se apropriar para ter argumento de fala, pois algumas pessoas ainda tem dúvidas, “*então, se não sou eu que vai falar quem é que vai, né?*”

A respeito do papel da família nesse processo de identificação, Nefertiti fala que é difícil, porque em um momento é muito fácil para todos eles se autodeclararem, em outros nem tanto, a exemplo de suas tias que geralmente falam que são negras, mas acabam que não reforçam isso, seu avô se identifica enquanto pardo, sua mãe apesar de possuir a pele escura, Nefertiti relata nunca ter ouvido sua a mesma se identificar enquanto negra. Por se perceber diferente, Nefertiti buscou entender o motivo que a fazia sentir-se inferior em relação às outras pessoas.

De acordo com Ferreira e Camargo (2011), usualmente a família acaba agindo como se nada estivesse acontecendo ou cópia uma prática bastante usual que é de denominar-se enquanto moreno e negar entrar em contato com a vivência de ser uma pessoa negra, buscando elementos de identificação que se valem de símbolos do grupo social dominante. Dessa maneira, precocemente, a criança negra conhece nas suas relações sociais cotidianas que não há com quem falar, o que acaba gerando um silêncio opressor que, provavelmente, beneficiará a existência de um futuro adulto sem iniciativa à defesa.

Nefertiti conta que tinha pouquíssimos amigos negros na infância, expõe que sua irmã gêmea foi quem lhe ajudou nesse processo, sendo seu maior apoio. E, por crescerem no mesmo ambiente, estudarem nas mesmas salas, elas vêm construindo suas identidades juntas, fazendo trocas sobre percepções e sentidos acerca de suas realidades, “*pro restante da família era muito: a elas são faisca e fumaça, pipoca queimada, essas coisas assim ou morena cor de jambo, tudo menos pessoa negra.*”

Com relação à escola, Nefertiti durante seu discurso relata que a priori estudava em uma escola de bairro e não sentia uma diferenciação, mas seu cotidiano mudou quando foi para uma “*escola de elite*” como bolsista “*foi a desgraça*”. Nesse novo contexto, menciona que percebeu grande diferença tanto em relação à classe social quanto em relação à identidade. A partir dessa nova interação, novas produções de sentido foram geradas. Quando foi para essa escola privada, Nefertiti diz que as mães dos alunos que estudavam lá há mais tempo, mães brancas, lhe perguntavam porque ela foi para aquela escola, de onde vinha, etc. Acredita que ela e sua irmã eram as únicas alunas negras, na sala, não na escola, na escola

tinham outras crianças negras, geralmente bolsistas. Cita que em sua escola tinha muito preconceito difundido e que uma forma que achou para se proteger e se sentir parte de um grupo – mesmo sem possuir nenhuma afinidade – foi buscar consumir as mesmas coisas, falar do mesmo modo para se enturmar, mas em retrospectiva percebe que isso lhe prejudicou demais, recorda ter se tornando uma pessoa agressiva, “*respondona*”, características próprias da adolescência parecem ter se intensificado. Diz que não foi um momento positivo, pois negava quem era para se enturmar. Na realidade histórico-social do Brasil, onde o ideal do “eu” é ser branco, compete, ao afrodescendente, a rejeição de suas origens africanas e a procura de um ideal inatingível - a brancura (FERREIRA; CAMARGO, 2011), que acaba por gerar uma certa frustração, que pode ser expressa de várias maneiras ao longo da vida.

Nefertiti relata que durante o processo de crescimento, foi apenas ela e sua irmã, mas que principalmente durante seu curso superior, foi entrando em contato com outras pessoas, mudando os conteúdos que consumia e foi se “*assumindo*”, atualmente diz que tem mais amigos negros do que em outras épocas da vida, apesar de a maioria ainda serem brancos, segundo ela, pela classe social a qual pertence. Conta que hoje tem amigos que lhe “*ajudam bastante, que lhe dão força [...], eu me sinto mais à vontade de ser quem eu sou*”.

Ao pensar em personalidades negras que lhe serviam de inspiração em alguns momentos de sua vida, diz que haviam pouquíssimas pessoas negras que apareciam na televisão. Recorda que no início dos anos 2000 surgiu o grupo Rouge, disse que era “*apaixonada*” pela Aline Wirley, sendo ela sua primeira referência de mulher negra, na época tinha uns 6 ou 7 anos, queria ser como a cantora num contexto onde todo mundo queria ser a Luciana, integrante do grupo, que era loira. Quanto a outras inspirações, Nefertiti diz que não havia nenhuma que possuísse impacto de ser um personagem da novela, durante as brincadeiras infantis, as outras crianças diziam que ela não poderia ser essa ou aquela personagem, porque não se pareciam com ela, então durante as brincadeiras acabava sendo a empregada, a que fazia os serviços ou não brincava por não ter espaço.

Conta que em 2018 começou a buscar e a consumir mais autoras negras, como Angela Davis, Chimamanda, Ayobami Adebayo. Dessa forma, tem se esforçado para construir uma identidade de uma forma mais sólida, conhecer as questões que permeiam, pois, segundo ela, é uma pessoa privilegiada, em relação a classe social, cabelo, cor de pele, que apesar de escura, não é uma negra retinta, essas informações acabam sendo importantes para fazer

contraposição, pois “*não é só porque eu não sou tão escura que eu não tô sofrendo nisso, né?*”

Ao refletir o sentido de ser uma mulher negra, Nefertiti fala que:

*Pra mim o maior sentido de ser uma mulher negra... Nunca tinha parado para pensar nisso... Eu acho que é ser autêntica, genuína, principalmente comigo mesma, né? De... de poder encarar a... a realidade por inteira, mesmo, assim, sem pegar as partes de... ah não me vitimizar... Porque tem gente que às vezes pode querer carregar muito pro lado negativo da coisa. E eu tento reconhecer de uma forma crítica, né? Comportamentos e ações, tudo, né? Então eu acho, que pra mim, ser uma mulher negra, hoje, eu acho que principalmente hoje, é ser: autêntica, mesmo. Noção de autenticidade*

Em relação a sua autoestima, Nefertiti fala viver uma montanha-russa, um sobe e desce constante, não só por conta da sua cor de pele, mas também por não possuir um corpo padrão. Revela que quando começou sua terapia procurou uma mulher negra que poderia lhe ajudar nessa construção de autoestima e que atualmente melhorou muito em vários sentidos, contudo diz que ainda é algo que está em construção, não pode dar como algo fechado. Brincou que seria muito mais fácil se ela fosse uma menina branca “*E a gente sabe que seria mais fácil, mas vai de pouquinho em pouquinho, né?*”

Berth (2020) pontua que o processo de fortalecimento da autoestima e estratégias conscientes de desenvolvimento das relações consigo mesmo também fazem parte de um processo ativo de empoderamento e devem ser levados a sério, embora nem sempre nos meios de militância isso seja considerado elemento indiretamente político ponto para as mulheres negras, tendo em vista as condicionantes que influenciam no acúmulo da experiência como sujeito oprimido, esse processo torna invariavelmente uma questão de sobrevivência. É preciso avisar às mulheres negras para que criem um padrão próprio para seu fortalecimento e recriação de si mesmas, pois as violências vivenciadas as afetam e descaracterizam diariamente enquanto não entendidas.

Conselhos para quem está nesse processo de construção de identidade:

*Se possível procurar psicoterapia, se possível. Mas como a gente sabe que é uma coisa ainda muito difícil de adquirir, poder se apoiar num suporte assim, numa rede de apoio bem sólida, né? Se tiver. Porque a gente também sabe que às vezes é difícil, né? Principalmente para mulheres negras que trabalham que tem família que dependem... que são chefes de família, né? Que precisam prover, mas que tentem trabalhar uma questão de autoconfiança mesmo, não pros outros, mas pra si, né? Eu falo muito... Eu tenho uma colega de trabalho, que trabalha comigo. Ela... ela é branca, mas eu sempre falo pra ela que muitas coisas perpassam pela autoestima que a gente constrói, da gente mesmo, às vezes a pessoa é muito agressiva, fala de uma forma muito grossa e tal, mas a gente não sabe o que que aquela pessoa tá passando, a gente não sabe como ela se sente em relação a si mesma, né? Então, quando a gente coloca a mulher negra como aquela pessoa que é raivosa, aquela*

*mulher que é raivosa que é... que tudo grita e tudo e faz escândalo e tudo, a gente não sabe de todos os gritos que ela calou anteriormente, né? Então, que possa fazer as coisas por si, pensando em si, né? Não de uma forma egoísta, acho que talvez essa mensagem que eu levaria agora, que era uma coisa que eu queria ter escutado na época.*

### **4.3 Aisha: uma jornada de aceitação**

Aisha, tem 30 anos, formada em Enfermagem, está em uma união estável, possui dois filhos com seu companheiro.

A respeito da sua construção de identidade, Aisha narra possuir características suas que tem dificuldade de aceitar, citando seu cabelo crespo, que nunca conseguiu usar em seu estado natural, atualmente usa tranças e quando tira, alisa seu cabelo, pois não consegue se identificar com o mesmo, como se não se encontrasse quando está natural.

Segundo ela, as pessoas acabam buscando se parecer com os amigos, com as pessoas ao redor, então de certa forma acabam sendo influenciadas pelo meio. Cita que no seu tempo, era muito comum e visto como sinal de beleza as mulheres de cabelos lisos, então ela alisava seu cabelo. Relata que em um momento de sua vida, notou que sua voz era forte e que sua amiga possuía uma voz “*toda afinadinha, toda meiguinha*” e percebendo isso, disse que buscou se modificar para se parecer com ela, para “*ser mais legal*”. E quem determina o que é ou não o belo? Souza (1983) nos fala que é a autoridade da estética branca quem estabelece o padrão do belo e sua antítese, tendo em vista que nossa sociedade é classista, na qual quem determina e toma decisões é hegemonicamente os brancos. É essa mesma sociedade que consegue, tanto de negros, quanto de brancos, a concordância em legitimar os padrões ideológicos que exaltam uns e discriminam outros.

Relata que sua única dificuldade atualmente é o cabelo, no mais ela já se aceita, destaca ter a “*testa bem comprida, bem grandona*”, e em sua juventude acabava sofrendo bullying, então utilizava faixas ou alguma coisa na cabeça, sempre um acessório para tentar disfarçar de alguma forma sua testa, porém segue dizendo que o cabelo não tinha como disfarçar, não tinha como cobrir. Narra que no imaginário popular o cabelo crespo era tido como sujo, sem cuidados de higiene, dessa forma, diz que a única maneira como se sente ela mesma é usando tranças, conta ser a maneira que a faz se sentir bonita. Esse discurso pode ser interpretado a partir de Souza (1983) que pontua as figuras representativas do negro como irracional, feio, ruim, sujo, sensitivo, superpotente ou exótico, compondo o mito negro, sendo

expressas através de falas específicas, que possuem um cunho ideológico que visa afirmar a linearidade, do que chama de “natureza negra”. O sujeito está intrinsecamente ligado ao negro, assim como o negro a sua cor (SOUZA, 1983).

Esse tema fez Aisha lembrar situações de racismo que vivenciou,

*[...] eu lembro de duas meninas, moravam perto aqui eu não era amiga delas, a gente morava perto, coincidentemente o meu irmão era amigo do irmão delas, eram... Eram três irmãos, sempre que eu vinha da escola essa menina ficava ah, lá vai ela, oh lá aquela menina, é macaca, é neguinha, aí ela se escondia, ela falava e se escondia. Então assim eu fugia dali, era quase que impossível não passar por ali, era caminho da minha casa, mas eu preferia dar a volta pelo lado mais perigoso, mais longe, porque eu queria evitar de passar por ali, porque eu era... Porque eu era xingada, por meninas que não me conheciam ou pessoas que simplesmente queriam... então assim, eu imaginava assim que elas queriam... que pudesse nem ter educação, porque o irmão dela era amigo do meu irmão, então não tinha... então, eu imaginava assim os pais dela no mínimo não tão em casa, então assim, pra mim, poxa, porque eu tô nessa... Porque que eu nasci assim, porque que meu cabelo é assim, porque que eu ando assim. Então meu andar pra ela era motivo de chacota, a minha bolsa, porque minha bolsa era cor de rosa, ela dizia, "ô, só quer ser a patricinha, uma neguinha dessa, só quer ser patricinha", eu ficava assim, poxa... Eu posso... Eu não queria..., mas eu não gosto de rosa, não suporto rosa, difícil tu me achar com um acessório cor de rosa, não gosto, é uma cor assim pra mim... Eu chego próximo do rosa, mas cor de rosa pra mim não é uma cor que eu me identifico, porque eu tenho uma lembrança ruim, as pessoas... Elas diziam pra mim... É como se elas dissessem pra mim que era inadequado eu usar o rosa. Que eu não devia usar, então assim até... Hoje em dia não, se a pessoa falar "ô a neguinha" mermã, tu quer falar o que, quer me xingar, não tá me xingando não, então... Até certo ponto pra mim era um incômodo, até minha cor, então assim, eu, eu buscava características que não eram minhas, e que não me levassem a minha cor, era não ficar muito tempo exposta no sol pra não ficar mais escura, era não deixa meu cabelo natural, porque meu cabelo natural...*

Berth (2020) nos fala que estética, uma palavra originária do grego, *aisthesis*, que a grosso modo significa percepção ou sensação. É a área da filosofia que estuda o que julgamos e percebemos aquilo que é considerado belo, as emoções que essa percepção produz e a definição entre o que é de fato belo ou não. Dessa forma belo é uma percepção e como sendo uma percepção ela pode ser manipulada, influenciada ou alterada e vemos isso acontecer ao longo da história quando o conceito estético acerca do belo tem variado de acordo com os valores e intenções da época. Temos nesse contexto um elemento importante nos processos de dominação de grupos historicamente oprimidos, porque uma vez criado padrões estéticos baseados na hierarquização das raças ou do gênero, simultaneamente criamos dois grupos o que é aceito e o que não aceito, dessa maneira, deve ser excluído para garantir o domínio do que é socialmente desejado.

Aisha em seu discurso revela que mais ou menos nessa época sua mãe cortou seu cabelo bem curtinho, e “*aí ficou aquela coisa, capacete, né? E aí eu virei motivo de piada [...]*”. Recorda que por esse fato, passou a usar boné, pois “*morria de vergonha*”, contudo estudava em um colégio de freiras e acessórios não eram permitidos, logo foi chamada atenção na porta da escola pela freira que lá se encontrava, narra que explicou para ela o motivo de estar de boné e que ela lhe deixou entrar, no entanto ao chegar na turma, a professor mandou que retirasse o acessório e quando o fez a turma inteira gargalhou dela.

*Aí eu dizia: “eu não gosto de cabelo, eu não quero esse cabelo”, foi aí que eu comecei a usar trança, comecei a usar trança, então assim é meu cabelo, então até hoje não consigo usar meu cabelo, porque assim, por mais que sejam características minhas, até hoje é difícil esse tipo de aceitação, a única coisa, que de todas as minhas características físicas que eu não consigo, não consigo aceitar, por tudo que já passei, no decorrer da minha vida, desde a juventude até a idade que eu tô agora.*

Berth (2020), afirma que uma mulher negra talvez alise os cabelos na procura consciente ou inconsciente por uma estética europeia, que foi estabelecida pelo colonizador como admissível, aprazível, atraente. E, apesar dessa modificação de suas características fenotípicas lhe possibilitem um sentimento de bem-estar diante do espelho, manter este cabelo necessita de uma série de cuidados, que envolve técnicas para que o mesmo não seja notado pelos outros. Dessa forma, o dissabor que essa mulher negra mantém em seu interior termina fortalecido, frente às adversidades para permanecer com a aparência colonizada, diante das reprovações do sistema que a todo momento a martiriza. Presente nesse cenário está as intersecções de caráter machistas e racistas regulamentando a existência de mulheres negras, tendo em vista que algumas pressões estéticas são optativas no que tange o homem negro para assemelhar-se a imagem do homem caucasiano. Sendo os cabelos um significativo integrante estético de autoconfiança e amor à própria imagem, principalmente às mulheres, independe de sua etnia. Essa marca incide sobre as mulheres negras desde sua infância, tendo em vista que nossos cabelos são objetos contínuos de insultos, desprezo e declarações racistas independentemente de estar liso ou natural.

Quando estudava em colégio particular, diz que “*eram poucos os pretos que estavam, ali, a gente sempre eram jogados pro canto*” e que nessa época era uma pessoa tímida que falava pouco, não gostava de apresentar trabalhos, o que se perpetuou na faculdade, pois sentia vergonha de estar diante do público, porque durante sua infância não tinha esse hábito, diz que se reprimia, mas que o professor não buscava saber fonte problema. No entanto, quando foi para um colégio público, diz ter se encontrado nas características de muitas

peessoas, havia muitas pessoas negras e fala que mesmo que tenha conseguido uma bolsa para um colégio privado e que tentassem colocá-la em uma escola melhor, não conseguia se adequar aquela realidade.

Segundo Ferreira e Camargo (2011) o Brasil é um país que tem em seu imaginário social a visão de ser uma democracia racial. Contudo, esse pensamento não possui nenhuma coerência e estabelece uma mentira cruel, hoje refutada pelos pesquisadores (FERNANDES, 2007 apud FERREIRA; CAMARGO, 2011). Essa convicção, que, evidentemente, carimba as subjetividades das pessoas e beneficia a dissimulação do preconceito racial em relação a população negra, alimentando assim, um discurso que propaga a presença de uma relação harmoniosa e de igualdade entre brancos e negros, o que não condiz com as situações concretas que a população negra experiêcia, fato que pode ser observado no discurso de Aisha acerca de suas vivências cotidianas. Ferreira e Camargo (2011) pontuam que a escola seria um dos lugares mais importantes para a construção da identidade do indivíduo, porém, infelizmente é um dos locais onde o preconceito e a discriminação são concebidos e fomentados, pois representa a dinâmica social da sociedade em que o indivíduo está incluído.

Em relação à participação de sua família em sua construção de identidade, ela menciona que por seu pai trabalhar muito, acaba que só comentavam algumas das coisas que aconteciam com ela para o mesmo, mas que ele era muito calmo ao lhe explicar as coisas. Já sua mãe, antropóloga e, pela profissão e por seu campo de estudo – culturas africanas – conseguia explicar melhor quando algo acontecia, *“papai não, ele dizia isso tem que... Não deixa acontecer, e tudo mais. Mamãe não, ela explicava, assim, da raiz, até...”* Recorda de quando seu irmão chegou em casa falando para sua mãe que queria ser branco, pois não gostava de sua cor. Sua mãe colocou uma do Rappa que dizia: *“brancos se você soubesse o valor que o preto tem, tu tomava banho de piche, branco tu ficava preto também”*, e começou a explicar para eles que,

*porque nós somos diferentes [...] eles imaginam que [...] são superiores, mas olha, ver a profissão do seu pai, ver a profissão da sua mãe, ver onde a gente chegou, ver tudo que você conquistou, ver sua turma, tem um monte de gente branca e só você como preto, porque a gente chegou... Conseguiu chegar longe, onde muitos pretos não conseguem chegar [...] então assim, em muitos momentos minha família me apoiou muito, minha família soube me explicar muito bem [...]*

Conselhos para meninas e mulheres que estão passando pelo processo de construção de identidade,

*[...] que as pessoas primeiro tem que se conhecer melhor é... que ela, não... como eu, não aderir a características de outras pessoas. Aceite o jeito que você é, aceite seu cabelo, aceite suas características. Quando você passa a se aceitar não tem ninguém que consegue mudar isso, não tem ninguém fazer por ti você se aceitar, é você que tem que se construir com o que você é, né? Mesmo se fosse mais difícil do que é, porque não é fácil, né? A gente tá num mundo cruel, onde as pessoas simplesmente falam pra ti, que não... ah, isso não é legal, não é bonito, te ridicularizam, por mais que isso, por mais seja, por mais que seja difícil, acho que é a melhor opção que a gente tem é se aceitar como nós somos, seja amizade, seja relacionamento, a gente precisa primeiro, a gente, primeiro nós, segundo nós, terceiro nós e quarto a gente deixa pros outros (risos) quarto lugar; deixa pros outros opinarem no quarto lugar; mas primeiro a gente tem que primeiro que se conhecer principalmente.*

#### **4.4 Hanna: o conhecimento muda a forma de ver o mundo**

Hanna tem 34 anos, é formada em economia, não possui filhos, heterossexual atualmente solteira.

Quando questionei como foi seu processo de construção de identidade, Hanna conta que *“esse negócio de construção é uma coisa recente. Acho que é uma discussão recente”*. Recorda que quando iniciou sua graduação, não era algo discutido e quando retornou para uma nova graduação, desta vez em história, já havia esse debate acerca de construção de identidade negra e diz que isso a fez querer entender um pouco mais, porque sempre se considerou negra e diz não compreender muito bem essa questão, relatou que quando entra a questão do pardo o debate acaba ficando mais confuso. Segundo Lima (2008), a problematização acerca das relações raciais tem se desenvolvido de forma gradual na última década na sociedade brasileira. Essa problematização engloba tanto as práticas relacionais cotidianas, conflitos e ações políticas, quanto às concepções teóricas a que está relacionada. Isso nos leva de volta aos tópicos acima onde discuti um pouco sobre construção de identidade e mito da democracia racial.

Conta que seu pai é negro e sua mãe é branca, seu irmão também é negro, relata que não se parece muito com a mãe, tendo puxado mais para o pai, assim como sua irmã, diz que sua família paterna é majoritariamente negra e sua família materna possui algumas tias que são casadas com negros e dessa forma tem *“filhos misturados”*, revela que nunca chegou a ter essa discussão a respeito de raça com a família, desde a infância foi lhe dito que havia puxado ao pai, *“ela, é negra, é, e ponto”*. Hanna pontua que seus pais se separam e que ficou com sua mãe, que é branca, dessa forma foi criada com a parte materna de sua família que também é

branca e durante sua criação recorda o discurso de todos seres iguais. Mas relata que tinha uma tia que abertamente declara não gostar de preto e sendo ela e sua irmã pretas, quando essa tia vinha visitar, mandavam que ficassem em seu quarto enquanto a tia não fosse embora.

O discurso de Hanna, nos leva a Brito (2013) quando pontua que a família, assim como demais grupos sociais, seja de grande ou pequeno porte, cria padrões e os indivíduos passam a possuir uma relação distinta com os outros, levando em consideração a hierarquia, como raça, lugar social, nacionalidade e vinculação étnica. O que significa que a criança apreende normas e valores e identifica-se com um grupo em específico, diferente em relação ao outro, ainda assim, aprende a se relacionar com os outros grupos. É importante frisar que, alguns comportamentos assimilados pela criança têm características da cultura e do meio em que está inserida, outros são particulares da própria família. Sendo assim, a família tem um papel fundamental no modo como essa criança aprenderá valores, sentimentos e crenças em relação a sua racialidade e, nem sempre é preciso que a família fale explicitamente sobre a importância social da cor da pele, visto que a sociedade confere um valor às características físicas, que fazem com que a criança crie uma compreensão conforme ela vivencia aceitação ou rejeição, subentendida na conduta do seu grupo de referência familiar.

Hanna diz que atualmente busca entender “coisas” que aconteceram em seu passado partindo do fato de ser uma mulher preta, pois ela imagina que talvez ser preta potencializasse as situações que lhe ocorriam, a priori acreditava que algumas “coisas” se davam por não possuir muitos recursos, *“porque geralmente eu achava mais que porque eu era pobre as coisas que aconteciam”*, mas posteriormente percebeu que o tratamento para pessoas pobres brancas eram outro e começou a pensar se a questão não iria para além da pobreza.

Em relação à escola disse que estudou em escola comunitária em seu bairro mesmo, e que o mesmo possuía muita *“gente pobre e aí pobre e negro... geralmente a maioria.”* Posteriormente, relata que iniciou em uma escola *“mais ou menos”*, onde acabou sofrendo preconceito, relata que nessa escola havia mais pessoas brancas, mas que não tinha o pensamento de que estava sendo discriminada pela sua cor, não ligava uma coisa à outra, revela que em sua cabeça era mais uma questão de ter ou não ter dinheiro, mas que atualmente sabe que uma coisa normalmente está ligada a outra. Diz que no ensino médio foi estudar em escola privada e lá havia ainda mais pessoas brancas.

Ferreira e Camargo (2011) relatam que se formos considerar que grande parte das crianças negras no Brasil, fazem parte de uma classe social desprivilegiada, percebemos que a

escola não apenas expande preconceitos relacionados às características étnicas, como também as relaciona com especificidades socioeconômicas, dessa forma o preconceito é conectado a aspectos raciais e ao poder aquisitivo – além de ser negro, ainda é pobre.

Hanna expõe que fez parte de um projeto social em seu bairro, um projeto que possuía alguma ligação com a igreja. E, nesse projeto abriram turmas para natação, recorda que eram feitos testes para saber o nível de aptidão de cada criança. Ela entrou e começou a se destacar nos treinos, até que chegou um momento em que a colocaram para treinar junto com a turma pagante – alunos pagantes e que ingressaram por meio do projeto treinavam em horários diferentes. Foi nessa época que diz que teve seu primeiro impacto em relação ao racismo ou a diferença de classe social, relata que algumas pessoas não aceitavam nadar na mesma raia que ela, pois durante a competição quem fazia um tempo menor, ia para o revezamento, diz que entrou num revezamento com uma menina branca, a mesma se chateou e abandonou a competição no meio. É perceptível que a discriminação étnica não tem uma idade certa para acontecer, podendo ser observada desde a pré-escola, dessa maneira a criança negra ainda em tenra idade começa a perceber a diferença em relação ao modo como é tratada, tanto por adultos, quanto por crianças brancas (FERREIRA; CAMARGO, 2011)

Quando lhe perguntei como é ser uma mulher negra na nossa sociedade, Hanna respondeu que acredita que uma mulher negra acaba se esforçando mais para algumas coisas do que pessoas “normais” fariam,

*Mesmo a gente, sei lá, é... tô formada, aí faça o curso... Tenho o x, y, é... Trabalho... Mas a gente não tem a mesma mobilidade, sempre tem que provar mais, mais ou a pessoa tem que conhecer a gente, ter contato melhor com a gente, pra depois... Pra saber mesmo que a gente não é do jeito que eles imaginam, porque tem todo... Tem todo um estereótipo pra mulher negra, tem todo... Aí pra gente... Pra pessoa ter uma outra visão da gente, a gente tem que ter muito esforço, né?! Ser formal, falar mais, ter o dobro de esforço pra isso.*

Falando sobre esses estereótipos, Hanna pontua que a mulher negra que tem o cabelo de certa forma, uma determinada aparência, a sociedade já julga que é pobre, doméstica ou semelhantes. E isso lhe lembrou quando foi visitar um amigo que mora em um bairro nobre de São Luís, relata que chegou “normal”, estava bem-vestida, mas o porteiro quando lhe viu já lhe encaminhou para o elevador de serviço, no que ela chama de um “clássico”. Conta que ficou perdida e que seu amigo foi a seu encontro e ficou envergonhado por terem lhe mandado pelo elevador de serviço, ligou para a portaria, ela disse que nem havia percebido, que só notou o que tinha ocorrido quando ele lhe pediu desculpas, “é coisa assim, as pessoas

*julgam ainda, mesmo tendo um monte de roupa, a gente entra em alguns espaços, a gente é tratado...”*

Em uma sociedade em que a discriminação se dá de maneira, encoberta, como na brasileira, é comum que pessoas negras, tenham passado, por diversas vezes, situações de constrangimento e desonra, devido suas características etnoraciais, podendo acontecer de maneira explícita, através de agressões físicas ou verbais, ou de maneira velada, como na situação vivenciada por Hanna. Infelizmente é habitual que negros passem por esse tipo de vivência, sendo agredido, rejeitado em diversas situações sociais ou presenciando atos assim (FERREIRA, 2002).

#### **4.5 Histórias individuais, processos sociais**

É importante destacar que a branquitude e a negritude são construtos sociais gerados a partir das interações sociais e, no construcionismo, o indivíduo é visto como uma construção social (SPINK, 2013). Dito isso, as histórias de vida dessas quatro mulheres, apesar de tão distintas, acabam sendo atravessadas pelo mesmo fenômeno social: a raça.

As vivências de Amina e Hanna, se encontram quando falam de sua dinâmica familiar, onde ambas possuem pai negro e mãe branca, assim como relatam que em determinada fase da vida, seus pais se separam e elas ficaram com suas mães, tendo mais contato com a família materna, que também é branca. Essa realidade foi percebida por Berquó (1987) quando retrata que os homens negros têm preferência por mulheres brancas:

A mestiçagem vem aumentando no Brasil como atesta o crescente contingente de pessoas ditas pardas. Ela se faz, entretanto, muito mais à custa de casamentos de mulheres brancas com homens pretos do que o contrário. Ou seja, a mestiçagem tendente ao embranquecimento é mais acentuada por parte dos homens [...] (apud PACHECO, 2013, p.5)

De certa forma, em seus discursos ambas trazem a dificuldade em crescer em uma família branca, Amina relata que se distanciou dos mesmos, enquanto Hanna relata uma das situações de racismo sofridas dentro de sua família. Sendo o racismo estrutural e estruturante em nossa sociedade, se torna impossível haver um núcleo social que não seja atravessado pela concepção de raça e seus desdobramentos, não é raro em pesquisas relatos de mulheres e

homens negros que dizem terem sido rejeitados por membros brancos de suas famílias (SCHUCMAN E GONÇALVES, 2017).

Qualquer esforço no sentido da igualdade racial no Brasil deve considerar envolver as famílias, pois dinâmicas racializadas internas ao grupo podem comprometer o bem-estar subjetivo de maneiras que podem ser mais devastadoras do que a desigualdade estrutural. Então, o que o amor tem a ver com tudo isso? Nas famílias, o amor está presente, mas como um recurso emocional, o que o amor se parece pode depender de como você parece. (HORDGE-FREEMAN, 2015, p. 71 apud SCHUCMAN; GONÇALVES, 2017, p. 63-64).

Ao compreendermos o homem como um produto social percebemos que a família é responsável pela socialização primária do indivíduo, Schucman e Gonçalves (2017) apontam que o ato de nascer e se constituir no centro de uma família em que hierarquicamente as estruturas raciais, estruturadas social e culturalmente, foram internalizadas tendo o branco papéis hierarquicamente mais elevado e o negro um local inferior – essa realidade pode ser percebida em algumas famílias inter-raciais – onde esses primeiros “outros” são os encarregados pela socialização primária e estabelecimento dos primeiros referenciais do que é ser negro e dessa forma influenciam na construção da negritude.

Diferente de Hanna e Amina, Nerfettiti, vivenciou uma realidade onde sua família era “*misturada*” como foi descrito em algumas sessões acima, mas isso não facilitou seu processo de construção de identidade, pois sua família hora se declaravam negros, hora não sabiam como se identificar e mesmo sua mãe que é lida como negra não se identificava como tal.

Ferreira (2002) traz o relato de uma família constituída por um casal e três filhos, sendo duas mulheres e um homem, que ocupavam locais distintos dentro de um gradiente étnico de cor, pai e filho eram lidos como negros, a mãe como branca, a filha mais velha como mulata e a mais nova como morena, atualmente todos se definem como negros e negras, pois a partir de suas vivências cotidianas e de episódios de racismo, além da entrada em grupos de militância e movimentos culturais todos se concebem enquanto negros, independente do tom da pele ser mais escuro ou mais claro. É importante destacar que nessa família em específico, quando os filhos eram crianças, não se discutia sobre questão racial e vivências de preconceito, salvo quando faziam de maneira brincalhona, pois julgavam tais questões irrelevantes. Assim como na família de Nefertiti, o termo morena era utilizado para se referir a características étnico-raciais, um eufemismo corriqueiro e que rejeita as características fenotípicas. No Brasil é considerado politicamente correto se referir ao

afrodescendente como moreno, desta maneira, as pessoas buscam elementos de identificação simbólica com o grupo socioeconômico dominante, no contexto brasileiro, o branco-europeu. Quando reconhecemos que as interações sociais são partes de um processo que permite a constituição da identidade individual, percebemos que famílias quando silenciam seus aspectos étnico-raciais acabam por beneficiar a internalização de valores negativos de uma maneira velada, identidades quando são formadas dessa maneira, preservam a incapacidade de desenvolver posicionamento afirmativo em relação às peculiaridades raciais (FERREIRA E CAMARGO, 2001).

Já Aisha cresceu em uma família, que reafirmava sua identidade enquanto negra, como foi descrito algumas sessões acima, isso não impossibilitou que passe por vivências de discriminação racial, mas lhe ajudou a valorizar suas características étnico-raciais. Ferreira (2002) diz que perceber a desvalorização a qual está submetida, faz com que a pessoa negra inicie um movimento em direção a transformação que gera a valorização de seus aspectos étnico-raciais.

Em relação a suas vivências escolares, as quatro histórias acabam se cruzando durante seus discursos. Todas em algum momento da vida estudaram em escolas particulares e ainda que não fosse na mesma pelas suas descrições poderia ter sido.

*Tanto é que na escola, retomando essa parte, eu tava lá rodeada de pessoas brancas, raramente eu tinha uma amiga preta de me identificar mesmo, de ter um laço e eu queria ser igual as minhas amigas brancas, eu tava... cara isso é até muito engraçado porque eu tava pensando nisso outro dia, eu tava comentando com as pessoas que eu converso, assim, que, brancas (risos) que eu queria até sorrir, gargalhar igual, a essas minhas amigas brancas, eu não queria sorrir da minha forma, eu não queria... sei lá, usar meu cabelo, assim, sei lá, usar meu cabelo da minha forma, tanto é que eu cheguei a alisar até, o meu cabelo durante uma época, só que foi bem breve assim, esse processo de alisamento porque danificou muito e aí eu fiquei muito malzinha, assim de autoestima e aí eu parei logo de alisar, mas na escola foi muito assim. Era um contexto que me fazia querer mudar, a qualquer custo, tanto o meu jeito, tanto a forma de.... de eu interagir com outras pessoas. – Amina*

*[...] A gente estudava numa escola de bairro no começo, depois eu mudei pra uma escola de elite, né? Fui bolsista. E aí mermã, foi a desgraça. Assim a gente percebe muito a diferença, que é tanto questão de diferença de classe social, como... a questão da identidade mesmo. Então, quando eu me mudei pra essa escola de elite, eram mães de alunos que já estudavam ali a muito tempo, né? Mães brancas. Perguntavam porque eu fui pra aquela escola, de onde eu tinha ido e ficavam questionando isso. Eu acho que era só eu e minha irmã as únicas alunas negras, na sala, não na escola, mas na sala e geralmente os alunos negros eram bolsistas, né? Nessa escola, então tinha muito, muito esse preconceito mesmo, né? Difundido. E aí quando... Uma forma até de me proteger mesmo e até pra me sentir fazendo parte assim do grupo que eu não tinha nada a ver, é tentar me enturmar tentando*

*consumir as mesmas coisas, tentando falar da mesma forma e que hoje eu percebo que me prejudicou demais, né? Assim, né? Principalmente, na parte da minha adolescência que foi quando... foi nessa escola que eu passei mais tempo, que eu me tornei uma pessoa muito agressiva, muito... é assim, respondona, mesmo, que já é coisa de adolescente, mas pra mim... parece que pra mim foi intensificado. Então, eu percebo que não foi um momento muito positivo não, assim, era uma coisa assim, de negação mesmo de quem eu era pra tentar me... me enturmar o máximo. – Nefertiti*

*E aí eu lembro que eu passei por uma situação na escola, eu acho, que começaram a ligar... descobriram meu número, era assim, pessoas que não gostavam do meu jeito, não gostavam de mim. Elas descobriram meu número, do meu telefone de casa, elas começaram a ligar muito lá pra casa passando trote, dizendo que iam me bater e não sei o que, que eu tinha que sair daquela escola, que ela não era lugar pra mim e pá, pá, pá, pá. [...] E aí quando eu fui pro colégio público eu me encontrei e em características de muita gente ali, eram muitas pessoas pretas, muitas pessoas que não tinham... Então, por mais que eu conseguisse bolsa no colégio particular e tentavam me colocar numa boa escola, com mais instrução, eu não consegui me adequar aquilo, né? – Aisha*

*Como eu estudei em escola comunitária, de bairro. Meu bairro era São Francisco, e tem muita gente pobre e aí pobre e negro... geralmente a maioria. Então não foi muito assim. Aí depois que fui, tipo assim eu comecei a estudar no parti... numa escola mais ou menos. Só que... sofri um preconceito maior... melhor... Aí tinha mais branco, assim, mas aí na minha cabeça não tinha essa questão de cor, era mais de dinheiro, mas é uma coisa tá ligada geralmente a outra, e aí no ensino médio que fui estudar de novo em escola privada, aí já era colégios.... que tinham mais gente branca mesmo, aí foi uma das poucas, assim mesmo. - Hanna*

Nesses quatro trechos podemos perceber como essas histórias acabam se ligando, como o contexto escolar que, em tese, é único para cada uma, traz discursos que se encontram e produzem sentidos parecidos para vivências singulares. Todas passaram por situações em que sua cor de pele foi vista de maneira negativa, as três primeiras falam que em algum momento de suas vivências procuraram se parecer com o opressor, em uma tentativa de se sentir pertencente ao grupo e nesse processo acabavam por negarem suas identidades. Hanna relata sempre ter se visto como negra, porém não atribuía as vivências de discriminação a sua cor de pele, mas a classe social a qual pertencia, talvez essa seja a maior diferenciação das outras três entrevistadas.

Existem variadas situações que favorecem as distorções a respeito das matrizes africanas, dentre eles a educação formal <sup>1</sup>. Pereira (1987), relata que a escola é o local onde a criança produz de maneira dissimulada a fofura do negro caricatural (apud FERREIRA, 2002). Essa instituição replica em sua microssociedade uma estrutura igual à que ocorre na sociedade brasileira como um todo (MIRANDA, 1987 apud FERREIRA 2002). Dessa maneira, a escola em vez de ser um local de reversão do problema, fomenta estereótipos sociais em torno dessa população e reafirmam a submissão do negro aos valores brancos,

tendo como base uma visão de mundo sócio-histórica eurocêntrica, produz-se uma metodologia pedagógica que impossibilita a pessoa negra de proteger seus interesses políticos, econômicos e culturais que possui direito como cidadã. Dessa forma, sua história é contada de maneira deturpada, sendo normal os problemas étnico-raciais serem visualizados pelo viés da culpabilização da vítima, ou seja, se o contexto social em que está inserido social e culturalmente for precário, é resultado de sua incapacidade, ainda que as adversidades sofridas tenham ocorrido por conta de suas características raciais, pois no Brasil, como já foi dito, tem-se no imaginário popular, a certeza de que a aceitação depende único e exclusivamente do esforço individual, pois não existe preconceito (FERREIRA; CAMARGO, 2001; FERREIRA, 2002).

Apesar das dificuldades vivenciadas no ambiente escolar, a educação foi um elemento fundamental para que as entrevistadas conseguissem mobilidade social e conseguissem capital social e econômico tendo suas ocupações mais valorizadas socialmente. Todas são graduadas, algumas delas estão cursando ou já concluíram a pós-graduação e uma delas possui está na graduação.

Foi percebido durante as falas das participantes que – ainda que não seja a proposta desta pesquisa – as relações afetivas tanto positivas quanto negativas no que concerne o relacionamento com familiares e com pares, influenciam diretamente no modo como essas mulheres trilharam e trilham suas trajetórias de construção identitária, demonstrando que a afetividade está presente para além das relações amorosas.

---

<sup>1</sup> É importante se atentar ao fato que durante a vida escolar da maioria das participantes, a LEI Nº 10.639 de 2003 que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Brasil nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares já encontrava-se em vigor, contudo se percebe o não cumprimento da lei.

## 5. MULHER NEGRA E AFETIVIDADE

Nos capítulos anteriores é perceptível as desigualdades sociais a quais os negros e as negras estão expostos, não apenas no que toca ao acesso a bens materiais como também a valores simbólicos. Fica evidente a hierarquia social, onde o homem branco encontrasse no topo, a mulher branca na sequência, o homem negro vindo em seguida para só então vir a mulher negra.

Segundo Joan Scott (1990): “1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e 2) gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (p. 86 apud SCHUCMAN, 2012, p. 89).

Dessa forma, o que é representado pelo gênero não está propriamente presente no corpo, mas é a forma como ele é percebido a partir dos significados culturais, construídos nas relações sociais de homens e mulheres, e é por meio desses significados que essas relações se configuram historicamente, como relações de poder. Gênero é uma forma de problematizar a compreensão de certas relações de poder. O gênero está presente na origem dos processos de legitimação de poder, o que significa que ele não age dissociado de outras categorias sociais. Então, as relações de gênero atuam através de um sistema de signos e símbolos que reproduzem normas, valores e práticas que convertem as diferenças sexuais, entre homens e mulheres, em desigualdades sociais vistas de forma hierárquica, valoriza-se o masculino em detrimento do feminino (SCHUCMAN, 2012).

Schuman (2012), em sua pesquisa relata que existem diferentes significados acerca da branquitude, que são acionados de acordo com o sexo e as relações de gênero. A branquitude como forma de supremacia e status é mais significativa para os homens, ao mesmo tempo em que para a mulher, tem relação com sua pele e concepção de beleza. Para as mulheres, em uma sociedade onde a beleza é de grande valia para conquistar um parceiro e ingressar no mercado de trabalho, a aparência e o corpo são cruciais à sobrevivência. Isso nos faz refletir que na sociedade brasileira onde ideologias racistas e machistas permeiam todas as esferas, a branquitude pode ser vista como o valor mais desejável, exigindo da mulher flexibilidade e adaptabilidade aos padrões estéticos da branquitude, como cabelos lisos e traços faciais finos. Mulheres negras pelos estereótipos a que estão sujeitas, possuem maior dificuldade para encontrar um parceiro, sendo preteridas na hora dos arranjos matrimoniais, porque são mais vulneráveis na hierarquia de gênero (SOUZA, 2008; SCHUMAN, 2012; PACHECO, 2013).

De acordo com o Censo Demográfico 2010, pessoas que se declaram pretas e pardas vivenciam em maior proporção união consensual. Isso pode ser observado no estado civil, tendo em vista que mais de 60% da população preta e parda estavam solteiras, enquanto 51,% da população autodeclarada branca aderiram a casamento civil ou religioso. Com relação ao mercado matrimonial, no que diz respeito ao comportamento seletivo na escolha dos cônjuges, geralmente as pessoas escolhem e são escolhidas com base em determinantes social, cultural e econômico. Os dados demonstraram que no intervalo entre 2000/2010, os aspectos relacionados a uniões conjugais tendo como base cor ou raça mantém-se sem modificações. Os dados do Censo Demográfico 2010 expõem que 69,3% das pessoas de 10 anos ou mais uniram-se com pessoas que fazem parte de seu grupo de cor ou raça, em 2000 essa porcentagem era de 70,9%, podemos perceber que essas escolhas acabam sendo influenciadas por questões raciais. Em 2010, 74,5% dos brancos e 68,5% dos pardos uniram-se dentro do seu grupo racial. Em relação ao grupo de cor preta, foi possível observar uma perceptível distinção nas escolhas dos homens e das mulheres, os homens pretos escolheram em um percentual inferior as mulheres negras (39,9%) enquanto as mulheres negras em relação a homens do mesmo grupo (50,3%).

Gilles Lipovetsky (2000), diz que na busca por um par amoroso, nas relações heterossexuais, os homens contam com diversos dispositivos à disposição, como riqueza, posição, prestígio, poder e inteligência. Entretanto, para esse autor, a arma de sedução básica das mulheres é a aparência (apud SCHUCMAN, 2012).

### **5.1 Amina: uma jornada de descobertas**

Amina, hoje assumidamente uma mulher bissexual, diz que durante seu ensino fundamental se percebia interessada por garotas, contudo rejeitava a ideia e apenas no ensino médio quando entrou em contato com a diversidade LGBTQ se permitiu não descartar a ideia. Conta que já se autodenominou como uma mulher lésbica, porém, percebeu que se interessava por homens também.

Ao falar sobre seus relacionamentos afetivos, diz que foi uma jornada de descobertas, teve três relacionamentos sérios, o primeiro com a duração de 1 ano e um mês, o segundo durou 1 ano e sua relação atual 1 ano e 11 meses. Nos dois primeiros, namorou mulheres pretas e atualmente namora com uma mulher branca.

Pacheco (2013), narra um pouco da história de Dandara, uma mulher negra, que se envolve afetivamente com uma amiga, também negra, nesse período Dandara conta que estavam “confusas” e se relacionavam apenas quando estavam a sós, Dandara tinha um namorado na época. Após certo tempo teve outro relacionamento, com uma mulher branca. Tanto a vivência de Dandara, quanto a vivência de Amina são importantes para desconstruirmos o imaginário de que relações afetivas estáveis são inerentes aos modos hegemônicos de relações heterossexuais ou a de uma classe étnico-racial. Entretanto, é necessário compreender o contexto sócio-histórico subjacente às escolhas afetivas. Ou seja, focar na dinâmica e comunicação de como certos marcadores sociais, incluindo gênero e etnia, têm significados diferentes em contextos diferentes (PACHECO, 2013).

Amina destaca que a busca por se parecer com suas amigas brancas, fez com desejasse pessoas brancas e quando se interessava por pessoas pretas, eram “estereotipadas” fortes, com características específicas, aprovadas pela branquitude, pois segundo ela, as pessoas endeusam pessoas pretas estereotipadas, mas brancos não, pois em sua experiência pessoal, percebeu que para escolher brancos não se tem padrão, basta ser branco, tendo em vista que já teve interesse em brancos feios. Amina destaca que esses padrões sociais, eram coisas da qual não se dava conta de maneira clara, mas ainda sim, reprimia seu desejo e sua forma de interagir com os pares.

Pensando em fenótipo como fronteira da branquitude, observamos dois aspectos muito relevantes para a compreensão da ideologia do branqueamento e do discurso sobre mestiçagem no Brasil, a respeito da primeira, percebemos que como qualquer ideologia ela afeta a todos, brancos, negros, mulher, homem. Nesse mundo branco, nossa sociedade parece ter se apropriado dos significados compartilhados acerca da superioridade e pureza racial e, dessa forma, desenvolveu uma hierarquia silenciosa e disfarça de status social privilegiado, que desqualifica as pessoas na proporção direta em que elas se distanciam do modelo ideal de brancura (SCHUCMAN, 2012).

Amina relata sentir diferença nessas relações, pois segundo a mesma, no relacionamento com uma pessoa preta ela não se “preocupava com tantas coisas”, não sentia receios e “sentia à vontade de falar se eu tivesse sofrido alguma situação de racismo, infelizmente, né? Eu me sentia à vontade de falar porque eu sei que elas poderiam me entender e acolher da forma que eu precisava [...]”

*Muito interessante, porque, não é que eu não queira, falar, quando eu vivencio situações de racismo, é... me afeto com situações de racismo com outras pessoas. Eu só escolho falar um pouco tempo depois, assim, tipo, me afeto muito, fico entristecida, fico, né? sentindo aquilo, mas eu não falo imediatamente, aí depois que falo, eu já sei o que a pessoa vai falar, já sei que pessoas brancas só escutam pessoas brancas, tipo, pra mim é muito mais sobre... conselho do que acolhimento, sabe? Eu não espero acolhimento de pessoas brancas que me relaciono, então... Não que pessoas pretas sempre acolham, né? O preto não salva, isso aí é uma falácia, mas não sinto assim, de... de pessoas brancas que vivem o acolhimento.*

Eddo-Lodge (2019), relata que em 2014 fez um post cujo título dizia: “Porque eu não converso mais com pessoas brancas sobre raça”. Nesse texto ela narra os motivos que a levaram a isso. Segundo a autora, pessoas brancas em momento algum tiveram que refletir, em termos de poder, o que é ser branco e quando são remotamente lembradas de seus privilégios, entendem isso como uma ofensa e buscam defender-se sem realmente escutar o que está sendo dito, isso torna a jornada das pessoas negras ainda mais árdua para explicar o racismo estrutural, pois além de tudo, ainda precisam se preocupar com os sentimentos brancos. A autora relata que é como se algo ocorresse durante o processo de comunicação, quando as palavras deixam nossas bocas e chegam aos ouvidos, sendo automaticamente negadas e não saído desse ponto, como se houvesse uma desconexão emocional. Mas isso não é algo inesperado, pois eles, os brancos, em sua maioria, em tempo algum compreenderam o que significa acolher uma pessoa de cor como igual. Eddo-Lodge (2019) está vivenciado e teorizando sobre isso lá no Reino Unido, enquanto Amina discursa sobre esse mesmo fenômeno aqui no Brasil, são continentes distintos e práticas cotidianas tão parecidas.

Em relação ao primeiro relacionamento, Amina diz ter sido bom, mas que acabou por ela e a namorada se tratarem mais como amigas, numa relação de amizade. O segundo namoro conta que não se sentia amiga da namorada e que foi um período difícil, onde adoeceu mentalmente, mas que não tinha relação com questões raciais.

Narra que seu relacionamento atual é mais bem-aceito pela sua mãe, o que ao mesmo tempo que lhe deixa feliz, traz outras questões: “*eu fico pensando no fato da minha mãe branca gostar da minha namorada branca, porque elas são brancas [...]*”, e relata que suas namoradas anteriores não recebiam o mesmo tratamento por parte de sua mãe. “*E aí eu fico feliz por elas terem uma relação boa, amigável, mas eu sei que vai muito além disso, vai... eu sei que pra li tem um pacto, muito implícito que acontece, fico feliz? Fico! Mas é aquilo, não vou me desgastar cutucando isso.*”

Um conselho sobre relacionamentos,

*Se relacione com quem você quiser. Porque existe um discurso muito restrito, sei lá, muito assertivo de pessoas que somente o amor preto salva, pode ser. Pode ser que pra você funcione muito bem, existem casos muito bons aí que funcionam, todo relacionamento não é perfeito, mas funciona, mas assim não se prenda a isso, né? Você com certeza pode se fortalecer se relacionando com uma pessoa preta, mas nem sempre isso acontece, se descubra se cerque de boas influências, escolha muito bem onde você vai estar e é... Se reerga sempre que possível, cuide da sua autoestima, é, cuide da sua saúde mental e trabalhe em você, porque se a gente não fizer isso por nós mesmo vai ser... é complicado essa jornada, então... Só força.*

## **5.2 Nefertiti: amor-próprio importa**

Nefertiti relata que na adolescência era excluída, no estereótipo do filme da Netflix, da melhor amiga da garota popular, “*é, me lembro que quando eu era adolescente eu era excluída, mesmo, eu era a pessoa que não era atraente, não era chamada pra sair, era a chaveirinho das amigas brancas e tudo*”, contudo pontua que sua construção de autoestima lhe ajudou e a levou a perceber novos fatores como a questão do fetichismo sobre o corpo negro, mas especificamente em relação a mulher negra não ser valorizada. Nefertiti pontua que não se sentia merecedora de estar em relacionamentos, então, relacionamentos afetivos, acabavam por serem complicados para ela.

Pacheco (2013), narra a história de Anastácia, uma mulher negra militante, que ao falar sobre seus relacionamentos afetivos, atribui a sua estética uma das razões de ser preterida pelos homens. Em sua declaração define claramente o padrão de beleza feminino buscado pelos homens: “Eles querem uma mulher para ostentar, uma mulher que tem um padrão estético diferente do meu, que é uma mulher sem barriga, magra, com traços brancos, os cabelos lisos nas costas.” (PACHECO, 2013, p. 145). Tanto Nefertiti, quanto Anastácia deixam claro que a raça aparece circunscrita em seus corpos, marcando uma diferenciação entre as mulheres negras e as mulheres brancas. É como se o corpo “encarnasse”, “falasse” e concretizasse as relações de poder por meio da relação afetivo-sexual. O mesmo corpo é produzido por um imaginário social, que articula o conceito de corpo racializado, magro, embranquecido e sexuado. Eles selecionam as escolhas afetivas. As características fenotípicas e estéticas de mulheres brancas e negras são codificadas como fatores que dificultam a preferência afetiva por mulheres negras. Nesse caso, a racialização divide e rompe a relação, levando ao isolamento emocional de Anastácia e das demais mulheres negras analisadas, essa

hipótese não é generalizante e nem descontextualizada podendo ser evidenciada em várias partes do livro de Pacheco (2013).

A entrevistada conta que nunca esteve em relacionamentos sérios e duradouros, foram relacionamentos pontuais. Relata ser uma pessoa afrocentrada e que evita relacionamentos inter-raciais. Segundo ela, além dessa questão, busca conversar com os futuros parceiros, sobre como lidam com questões de raça, gênero e qual seus posicionamentos políticos, não como algo crucial, mas como pontos a serem levados em consideração durante a escolha desses parceiros.

*Então, pra mim é um ponto importante pra ver se levo adiante ou não. Pruma coisa assim... mais... um mês... duas sem... uma coisa mais assim. Mas não muito duradoura, ainda não tive nenhuma experiência nesse sentido. O que também já mexeu bastante com minha autoestima, né? Ai leva a toda aquela questão de: Ah, mas também a gente vive numa sociedade patriarcal, em que a mulher precisa, né? está em um relacionamento pra dizer que ela é mulher de verdade, etcetera, etcetera.*

Apesar de dizer não possuir relacionamentos duradouros, Nefertiti relata que esteve com um parceiro negro, por cerca de dois anos, ainda que não de maneira contínua, o que segundo a mesma, acabou lhe gerando incômodo no início. Pois as situações em que saia com o parceiro era exclusivamente para relações sexuais, narra que durante esse período chegou a conversar com outras meninas negras que lhe disseram que era algo que acontecia com elas, que queriam sair com seus parceiros para outros programas, mas que só eram procuradas quando os mesmos queriam sexo. Nefertiti conta que isso lhe machucava e lhe levava a pensar: “*será que eu só vou servir pra isso?*”

Ela relata que tinha 24 anos, quando iniciou esse relacionamento que seguiu até seus 26 anos, com vários altos e baixos, passavam meses conversando, saindo e passaram 1 ano sem conversar, retomaram as conversas e depois passaram mais um tempo sem conversar. Ela conta que se culpabilizava pelo modo como esse relacionamento seguia: “*me colocava numa situação muito inferior, para poder justificar todas as coisas que eu passei. Foi muito ruim essa época, bem ruim mesmo.*”

Anastácia em discurso acerca de sua vivência afetiva, contou que durante sua fase adulta teve algumas experiências sexuais com homem branco, ironiza o caso quando define seu relacionamento como entre “quatro paredes”, esse título demonstra uma experiência sexual secreta, momentânea apoiada no sentimento carnal de uma transa, nada sério. Apesar de situações diferentes, tanto no discurso de Nefertiti quanto no discurso de Anastácia está

presente o sentido que seus corpos apenas lhe tornavam aptas para relacionamentos que envolvesse sexo, sendo preteridas quando se trata de relacionamentos duradouros, tendo em vista que as mulheres brancas serem preferidas quando se trata de relacionamento conjugal (PACHECO, 2013).

Conselhos sobre relacionamentos afetivos:

*É... Homem não presta, homem não presta (risos). Mas não de uma forma generalizada. (...) como é que eu posso dizer essa palavra, que não se diminua. É, tem essa música do Luís Kiari “Quando fui chuva” e ela é... fala muito sobre... se... desaguar, assim, deixar derramar as coisas, se você tá sentindo... tá com esse sentimento dentro de si não precisa tá tolhendo ele, seja sincera consigo mesma e exprima. Ou então não precisa: ah, eu só vou me sentir muito emocionada, sei o que, que eu tô com essa pessoa e essa pessoa não quer nada comigo. Afeto é uma coisa que é difícil a gente conseguir, né? E é muito fácil de a gente dá e, que quando a gente sentir esse afeto a gente possa primeiro direcionar pra gente, pra depois direcionar pra outra pessoa, né? Então não precisa tá segurando represas pra poder caber numa expectativa que o outro cria, às vezes a gente pode desaguar à vontade.*

### **5.3 Aisha: seja você mesma**

Aisha narra que teve poucos relacionamentos e que não sentiu que sua cor influenciou de alguma forma nos mesmos. Assim como afirma que nunca permitiu que nenhum de seus relacionamentos interferissem na forma como se via.

Relata que seu primeiro relacionamento durou meses, o segundo durou 1 ano e diz que nesse intervalo “ficou” com outros meninos, até conhecer seu marido, que é seu terceiro relacionamento que dura atualmente 13 anos, entre namoro e casamento. Conta que seu marido é negro assim como ela, só que mais “escurinho”, neto de chinês, segundo ela, a mãe dele é negra e veio para “pra poder dar um [...] tom especial”, relata que a família dele ainda tem muito da cultura chinesa, mas nada que o direcionasse apenas para isso.

De acordo com ela, o primeiro relacionamento foi algo rápido, o namoro onde teve um relacionamento mais profundo foi o segundo. Ela relata que o segundo namorado era branco, mas que sua irmã era preta, segundo Aisha, ter uma pessoa negra próxima na família, ajuda para que a pessoa branca não seja, tão, racista. Aisha conta que iniciou seus relacionamentos afetivos muito nova. Nesse segundo relacionamento, tinha mais ou menos 15 anos, foi nesse relacionamento que teve sua primeira relação sexual, em retrospectiva, diz que era imatura, que tinha receio de se colocar e mostrar seus desejos, assim como sua falta de desejo, depois disso relata que iniciou sua relação atual.

*Eu acho assim, que quando eu comecei meu relacionamento muito nova, eu era imatura, né? Hoje em dia, assim, faz a gente ter... ceder como se tivesse sido a primeira vez, né? Tudo que pedir a gente aceitar, talvez a gente não pudesse nem ultrapassar daquilo pra pessoa não pensar que a gente é muito, né? Vulgar. Eu tinha esse pensamento, que eu não podia mostrar meus desejos porque não poderia ser... parecer vulgar, atualmente não, quando eu quero fazer tal coisa eu vou lá e faço eu busco mais, o que me interessa mais... eu só tinha relação por relação, hoje em dia tenho um relacionamento mais, com o que eu gosto de fazer, no momento que eu quero também, tá. Não adianta só o parceiro querer ter uma relação comigo, porque tem momentos que acontecem, né? Tem momentos que a gente tem tpm, a gente, né? tem nossos hormônios, nem sempre tá a favor, né? Hoje em dia eu tô muito mais madura, como te disse, por eu ser muito nova eu tive minha primeira relação sexual eu tinha quinze anos, atualmente com trinta anos, eu consigo ver, com uma maturidade muito maior e muito melhor do que eu quero fazer quando eu quero fazer e tudo isso.*

Recorda que chegou a ficar com um rapaz que segundo ela, era branco, “*não era, tãooooo clarinho assim, como leite não*” e, em um momento da conversa deles, ele disse para ela que se fosse no tempo da escravidão e ele fosse um senhor, ela seria “*aquela pretinha que [...] o senhorzinho ia querer sempre tá com ela*”. Ela conta que pediu pra ele repetir e ele repetiu como se o que ele estava falando fosse um tipo de elogio e estivesse seduzindo ela. Relata que se afastou da pessoa e percebeu que o mesmo provavelmente estava realizando uma fantasia sexual com ela, como se ela fosse um objeto “*porque era um objeto, assim as mulheres eram um objeto, né? As negras são fegosas, quentes, né? São mulheres quentes, não sei o que, não sei o que... delas vocês podem usar e abusar e ter vários filhos, eu seria isso, um objeto.*”

Podemos perceber que o discurso de Aisha tem muito a ver com o sentido do que foi escrito por Carneiro (2020) acerca dos estereótipos das mulheres negras em nossa sociedade, segundo a autora, as mulheres negras são retratadas como exóticas, sexy e provocantes. Como possuidora de um “fogo” nato. Essas características a aproximam de uma forma animalesca projetada para o prazer sexual. As sociedades coloniais e escravistas contribuíram enormemente para a criação do mito de mulheres quentes, que até hoje é atribuído às mulheres negras por meio da tradição oral e difundido em ambientes intelectuais por meio da literatura. Desta forma, a mulher negra é vista como aquela que utiliza seus talentos para atrair os homens, absolvendo-o de qualquer culpa, afinal ela era irresistível e, de alguma maneira, indispensável, soma-se isto ao fato que elas eram propriedades vendidas pela melhor oferta e quem as possuísse poderia usá-la como quisessem, elas muitas vezes eram obrigadas e submetidas a concordar com intimidades que sua posição de objeto não conseguia impedir.

Essa visão persistiu ao longo do século XX, limitando as mulheres negras a serem vistas como indicadas ao sexo e ao prazer.

Quando perguntei que conselhos deixaria em relação a relacionamentos afetivos:

*(...) que a gente não deixe, parceiro decidir por ti, a gente precisa decidir junto, né? Eu acho que a gente... quando a gente tá com uma pessoa a gente quer somar com essa pessoa, mas nunca deixar que só ele faça, só ele decida, só ele imponha o que você quer ser; o que você deve fazer, o que você deve sentir; a gente tem que a gente mesmo, antes de tudo se colocar, pra que a gente possa também... é que o nosso parceiro possa também te respeitar; a gente se respeita primeiro pra depois cobrar.*

#### **5.4 Hanna: Antes só do que mal-amada**

Hanna relata que em outubro participou de uma reunião das Mulheristas e coincidiu delas estarem falando sobre relacionamentos. Conta que isso lhe fez pensar sobre seus relacionamentos passados. Pontua que olhando para o passado notou uma questão que se sobressai, o “*ser trocada*”, diz que acontecia de “ficar” com uma pessoa e de que repente era trocada, normalmente por uma branca, mas antes dessa reunião não havia parado para pensar sobre isso. Narra que isso acontecia não só quando se relacionava com homens brancos, mas com negros também.

O discurso de Hanna sintetiza um pouco do que já foi falado em momentos anteriores deste trabalho: a mulher negra é preterida no mercado afetivo. Pacheco (2013), diz que a mulher negra está de fora do mercado afetivo e naturalizada no mercado do sexo, da sexualização, do trabalho doméstico e em compensação as mulheres brancas seriam, nesse contexto, partes do mercado afetivo, do casamento, da união estável.

Hanna relata que foi essa reunião do Mulheristas, que fez com que começasse a sondar o parceiro, se ele realmente queria estar em um relacionamento. Revela que atualmente tem buscado essa questão em seu passado, para que no presente quando conhecer uma pessoa, já realizar um esforço de observação para saber se o que a pessoa quer é algo casual ou um relacionamento mais duradouro “*tem todo um trabalho maior, só pra saber se ele quer alguma coisa séria ou não, o que uma pessoa branca, uma mulher branca, não faria. [...] os homens só procuram a gente pra ter alguma coisa, assim, causal, e... nada sério.*”

Souza (2008) em sua pesquisa acerca da solidão da mulher negra, relata que o compromisso sexual e afetivo do casal precisa ser explicitamente endossado por outros, ou as mulheres negras correm o risco de serem invisíveis e relegadas a papéis considerados

desfavoráveis. A autora realizou entrevistas com algumas mulheres negras, entre elas Ashanti, que diz “eu acho assim: eu acho que o homem negro, ele pega mais a mulher negra pra bagunçar, pra balada, pra levar pra cama. Pra ser a mãe dos filhos dele, ele vai querer a branca.” (SOUZA, 2008, p. 101). O discurso de Ashanti e Hanna, trazem sentidos parecidos em vidas cotidianas diferentes, sendo a pesquisa de Souza (2008), realizada na cidade de São Paulo, mas o preterimento no mercado matrimonial, infelizmente não é algo regional. No mercado de casamento, o homem negro tem uma preferência menor pela mulher negra porque, por mais que ela tente competir nesse mercado, ela é vista pelos homens negros como menos valiosa do que uma mulher branca (SOUZA, 2008).

Segundo a autora, devido ao percurso histórico da população negra brasileira, as mulheres negras e os pobres são comparáveis em termos de discriminação e exclusão social. Na percepção das mulheres negras, diante do mercado matrimonial, o valor da troca é a cor, e o branco está em alta. Como *mercadoria* de menor valor, as mulheres negras se sentem menosprezadas pelos homens negros (SOUZA, 2008, grifos da autora).

Hanna conta que a maioria dos parceiros que já teve eram homens negros. Relata que as relações mais duradouras ocorriam quando os homens possuíam alguma estabilidade financeira, o que facilitava para que ela fosse apresentada à família dele. Relata que os outros que não tinham uma estabilidade financeira, acabam muito mais ligados à questões familiares e buscavam atender às expectativas da família

*“e aí quando vai acabar assumindo um relacionamento com uma pessoa negra, sei lá, parece que toda a carga daquele preconceito que existe na sociedade vai também pra ele, aí então às vezes não querem perder tempo recebendo essa carga, digamos.”*

Narra que teve um relacionamento com um homem branco que durou 6 anos, mas destaca que ele já era independente financeiramente e que a mãe dele era uma mulher negra, “*aí tipo não se importava muito...*” Relata que nesse relacionamento era tratada como toda mulher deveria ser tratada, mas que a relação se desgastou com o tempo.

Menciona uma relação que definiu como “*esquisita*”, a mesma durou cerca de 3 meses, disse que sentia como se o parceiro estivesse empurrando com a barriga, conta que essa é uma das relações em que foi trocada e que essa situação acontece mais quando é aquele “*ficante fixo*” que acredita que irá “*dá em alguma coisa e aí do nada – a pessoa – aparece namorando.*”

O último parceiro era um homem branco – o relacionamento que estava antes da reunião do Mulheristas – conta que chegou a conversar com ele para saber se o que tinham progrediria para algo mais sério, já que conhecia todos os amigos dele, a sua mãe e já havia dormido na casa dele, relata que ele disse ter tido uma namorada negra e que chegou a apresentá-la a sua família, mas que ela acabou sendo tratada mal e que não queria apresentar Hanna oficialmente como sua namorada para evitar que isso acontecesse e por tanto ela resolveu deixar como estava e terminar.

### **5.5 Relacionamentos individuais, processos sociais**

Analisamos as trajetórias das quatro mulheres negras selecionadas, buscando descobrir quais os sentidos que dão aos seus relacionamentos afetivos. Dentro disto, procuramos indicar quais marcadores foram ativados e interseccionados na história afetiva dessas mulheres. É importante destacar que práticas sociais podem ser vinculadas a um contexto social mais amplo, nosso objetivo foi determinar onde essas histórias se aproximam e onde se distanciam, o que as mobiliza e como “escolhem” seus parceiros afetivos.

Hanna e Nefertiti encontram-se solteiras, Amina está namorado e Aisha em uma união estável. Seus discursos possuem sentidos que permitem interpretações parecidas, com exceção de Aisha e Amina, as outras trazem mais dissabores do que alegrias de ser uma mulher negra no mercado afetivo em nossa sociedade. Partindo dos estereótipos que se tem acerca da pessoa negra, passando pela sexualização do corpo da mulher negra e chegando a dificuldade de encontrar parceiros. Souza (2008) em seus estudos acerca do mercado afetivo, relata que a ausência de pretendentes para as mulheres negras possui como justificativa a regularidade das relações inter-raciais, considerado nessa composição homem negro e mulher branca/clara.

Quando se trata da escolha de parceiros afetivos, Hanna, Aisha e Nefertiti relatam que quando os parceiros possuem família negra é muito mais fácil manter uma relação, pois a família não representa um empecilho e normalmente apoiam o relacionamento. No caso de Amina, a mesma percebeu que sua mãe tem um relacionamento melhor com sua parceira quando a mesma é branca, como já foi citado. Hanna, em especial, em seu discurso, relata que quando o parceiro possui independência financeira é mais provável que banque o

relacionamento: “*geralmente, o que eu passei mais tempo, era tipo, porque ele já tinha condição dele se sustentar e resolver assumir, entendeu?*”

Hanna, Nefertiti e Amina trouxeram em seus discursos uma certa preferência por pessoas negras, dentre elas Nefertiti declarou que busca relacionamentos afrocentrados. Segundo estudos de Thales de Azevedo, a miscigenação é um episódio em expansão no Brasil, tendo como origem o homem negro, diferente do comportamento da mulher negra, que tem relações endogâmicas, ou seja, relacionam-se dentro do próprio grupo étnico. (SOUZA, 2008)

Hanna e Nefertiti, respectivamente, relatam a dificuldade em encontrar parceiros afetivos, pois os homens estão interessados apenas em relações casuais: *"Alguns outros querem namorar, digamos, mas não querem assumir, mesmo."* (Hanna)

*"[...] mas a questão da cor é o que vem bastante assim... que eu percebo... a gente percebe quando o cara tá a fim de ti, é porque: a poxa nunca fiquei com uma menina negra, não sei o que, queria ver como é que é. Isso aí é complicado... a gente... eu, pra mim, eu quero dizer que tô acima disso, que não machuca, mas lá no fundo machuca."* Nefertiti

Acerca da solidão da mulher negra, Nefertiti declara que:

*Eu... eu quando eu me deparei com essa expressão assim, a solidão da mulher negra eu me identifiquei em muitos pontos, né? E aí a questão de não ser assumida, de não ser a pessoa que é levada pra jantar, não ser a pessoa que é apresentada pra família e tudo, e aí eu também fui levantar os próprios pontos assim: será que eu também queria isso? Será que era uma coisa que tava imposta assim na sociedade, que eu queria isso pra mim também? Mas aí vinha outro contraponto, mas eu também tenho direito a pedir isso, eu também tenho direito a quer... a fazer uma coisa diferente, a sei lá ser apresentada pra família e tudo... E aí quando eu escutei o podcast Afetos, ou foi alguma coisa que a Gabi Oliveira falou, tu sabe quem é? A blogueira, né? E aí ela disse que a solidão da mulher negra, não só envolve a questão das relações afetivas sexuais, mas também envolve a questão de todo o... a rede de apoio que a gente tem. Então, eu deixei um pouco de lado essa expressão porque eu tenho uma rede de apoio muito sólida. E... é principalmente com meus amigos, né? E minha irmã está envolvida no meu ciclo de amigos também. Então, eu acabei suspendendo esse termo pra mim, no começo eu me identificava bastante, mas depois que eu... que eu... foi por essa visão, né? Por esse outro lado eu me vejo uma nova... uma mulher fortalecida nesse sentido, não tô sozinha, sei que quando eu tiver em sofrimento[...] eu vou poder contar com eles, pra poder é... compartilhar é... a minhas dores.*

O discurso de Nefertiti é endossado por Souza (2008) que diz: “Perceber-se solitária não depende necessariamente de estar sem um parceiro sexual, mas está muito fortemente relacionada aos vínculos de amizade e de família.” Logo, a solidão está para além de um relacionamento afetivo-sexual, passa pelo social também.

Percebeu-se que a interseccionalidade das categorias gênero, raça e classes demonstram a dinâmica da hierarquia que modulam as escolhas afetivas de mulheres negras e de seus pares amorosos, confirmando o estudo demográfico de 2010, assim como a pesquisa realizada por Souza (2008) e por Pacheco (2013) que mostram que as mulheres negras ainda são preteridas quando se trata de relacionamentos afetivos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo ao começar a investigar acerca da temática, percebi quão pouco a Psicologia tem se interessado por esse tema em específico. Encontramos muito conteúdo acerca da construção da identidade negra e acerca da afetividade, mas dificilmente se via os dois temas juntos. Contudo, não temos a pretensão de dizer que esgotamos a temática, pelo contrário, é um campo bastante vasto, o que indica a necessidade de novas produções científicas a este respeito. Destacamos que fizemos apenas um pequeno recorte de realidades tão diversas.

A presente pesquisa buscou investigar os atravessamentos existentes entre construção de identidade e relacionamentos afetivos. Desta forma, a partir dos referenciais teóricos: história de vida e construtivismo de Spink (2013), foi possível compreender quais componentes estruturaram e mediaram as escolhas afetivas das mulheres negras entrevistadas, trazendo suas narrativas, onde compareceram categorias como raça e gênero atravessadas por outras categorias, desta forma, trazendo os sentidos e as compreensões produzidas e reinventadas por essas mulheres em suas vidas cotidianas, desta maneira, foi possível perceber aproximações e distanciamentos nas histórias retratadas.

No início do século passado, assim como hoje, as mulheres negras vivenciaram uma história que relaciona sua identidade com a solidão. Sua identidade porque elas têm o direito de ser, ser elas mesmas, pertencer, amar, a si e a outros. A mulher vive na solidão, pois quanto mais toma consciência de si e dos processos que lhe cerca, mais distante fica de relacionamentos que não lhe permitem ser ela mesma, ou reconhecê-la como igual. Nos relacionamentos afetivos há uma oposição entre os pares, pois suas características não se encaixam nos estereótipos sociais exigidos. Para estas mulheres, não existe um ideal de Príncipe Encantado, não por sua não existência, mas porque sua princesa é a mulher branca e seu cavalo, seguiu pelas estradas das uniões heterocrômicas (SOUZA, 2008).

Berth (2020), relata que “não é possível passar por um processo de empoderamento produtivo se não nos fortalecermos e nos encontrarmos em nossa própria pele” (p.120). É necessário um trabalho árduo e contínuo para exterminar da sociedade a crença que pessoas negras são inadequadas, desprovidas de harmonia e beleza física, tornando-se bastante complicado para que esses sujeitos, criem mecanismos interiores de autoamor e autovalorização, devido a essa ideologia do padrão branco como único aceitável. Nas culturas ocidentais o belo é visto como sinônimo de superioridade, ultrapassando o campo da estética,

uma vez que o senso comum aponta que tudo que é bonito é bom, aprendemos isto ainda na infância, nos contos de fada – apesar de atualmente existir uma tendência a buscar diversidade – cujo principal é delimitar o espaço de vilões, vilãs, heroínas e heróis por intermédio da beleza.

As entrevistadas trouxeram em suas falas quão difícil foi para cada uma delas esse movimento de construção de identidade e aceitação de si, algumas iniciaram terapia para ajudar nesse processo, outras começaram a buscar grupos aos quais poderiam se sentir pertencentes, cercando-se de pessoas com experiências similares para realizar trocas. É importante ressaltar, que quando perguntadas acerca de influências midiáticas negras, apenas Amina e Nefertiti recordam de influências negras que marcaram sua história de alguma maneira e, Aisha recorda de uma professora que lhe marcou durante seu período escolar. Destacamos que não é atoa a falta de referências negras, o processo de criação da imagem negativa acerca do negro tem motivação sócio-política. A diminuição da figura do negro em relação a estética branca serviu como ferramenta para apoiar e justificar o sistema de opressão e exploração destes sujeitos, como já foi falado ao longo desta pesquisa, buscando o acúmulo de privilégios sociais, desta forma sendo mais que necessário a quebra deste esquema que permanece até os dias atuais (BERTH, 2020).

Um movimento de valorização autêntica e afetiva para cada elemento do fenótipo negro que é desprezado pelo sistema dominante, é essencial. Esse reforço precisa ser pautado pela representatividade, pois quando o negro se vê de forma positiva, nos mais diversos espaços, reconhece e vê sua imagem como uma possibilidade positiva. Então, teatro, cinema, música, moda, dança e outras expressões artísticas devem servir como instrumentos para isso, pois atualmente é um dos campos mais perversos quando o assunto é racismo. Nesses locais de trabalho, pessoas negras são constantemente excluídas e quando incluídos seus números são desproporcionais em relação aos brancos, possuem pouca visibilidade ou ainda são representados de maneira negativa reforçando estereótipos já arraigados: negros perigosos, mãe preta, mulatas fogosas, etc. (BERTH, 2020).

Para os grupos dominantes, o amor-próprio é construído ao longo de suas vidas, tanto como reforços positivos da masculinidade, para os homens, quanto reforços positivos inspirados pela visão de si mesmo em qualquer lugar, pois a pele branca é o padrão socialmente aceito. Enquanto isso, os grupos oprimidos passam por um processo contínuo de

desqualificação, sua probabilidade de desenvolver amor-próprio e aceitação de seus aspectos positivos e até mesmo de sua humanidade é minuciosamente diminuída.

A afetividade perpassa por diversos fatores, retratados por cada uma das participantes à sua maneira: aceitação, autoestima, estética, autocuidado. Cada uma buscou aprender a amar a si mesma, para poder distribuir esse amor de maneira fluida, não apenas na forma de amor romântico, mas nas demais relações. Durante a pesquisa, algumas das participantes mostraram como essa rejeição dos indivíduos a si mesmos pode ser projetadas em seus pares sociais, dificultando a criação de vínculos amorosos, pois a mulher negra acaba sendo a representação daquilo que os homens negros tentam evitar.

Enquanto houver opressão, o trabalho que inspira o amor-próprio também deve ser contínuo, seja por meio do autocuidado – como no caso das entrevistadas que buscaram terapias, assim como outras formas de cuidar de si – seja nutrindo o intelecto – a maioria das participantes relatam está estudando sobre o assunto e/ou buscando grupos de mulheres negras.

Seria impossível concluir este trabalho sem retornar a uma questão que tantas vezes compareceu ao longo das pesquisas que realizamos para construir o mesmo e que pode ser verificada nas entrevistas: o preterimento das mulheres negras, seja por homens brancos, seja pelos seus pares, sendo esse último, um dos resultados da dominação e opressão sofrida pela população negra desde a colonização que vem sendo mantida nos dias atuais, as mulheres negras estão em desvantagem quando se trata do mercado afetivo, como retratado nos estudos de Souza (2008) e Pacheco (2013). Foi possível verificar que o está só para algumas das entrevistadas tem ligação com não aceitar estar em determinados relacionamentos apenas por que a sociedade impõe que mulheres devem possuir parceiros.

A este respeito, destacamos a urgência de estudos sobre o viés do detentor do poder de escolha: o homem negro. Ao pesquisar o que permeia essas escolhas, poderíamos ter um panorama maior dos processos que envolvem essas preferências afetivas e elucidar a questão do porquê as mulheres negras são submetidas a solidão por serem preteridas pelos homens negros.

## 7. REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BENTO, Maria Aparecida Silva. BRANQUEAMENTO E BRANQUITUDE NO BRASIL In: **Psicologia social do racismo** – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

BRASIL. Lei de Nº 10.639, DE 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)>

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm)>

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

BRITO, Angela Ernestina. Lares negros olhares negros: Identidade e socialização em famílias negras e inter-raciais. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 15, n.2, p.74-102, jan. /jun. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5433/1679-4842.2013v15n2p74>> acesso em: 04 de abr. 2022.

CARNEIRO, Sueli. Identidade feminina. **Cadernos Geledés**. Nº4, p. 09-12, nov. 1993.

\_\_\_\_\_. Gênero, raça e ascensão social. **Revista Estudos Feministas**, 3(2), IFCS/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

\_\_\_\_\_. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.

\_\_\_\_\_. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

\_\_\_\_\_. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EDDO-LODGE, Reni. **Por que eu não converso mais com pessoas brancas sobre raça**. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2019.

FERREIRA, Ricardo Franklin. O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afro-descendente. **Psicologia & Sociedade**. v. 14, n. 1, pp. 69-86, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822002000100005>>. Acesso em: 04 de jan. 2022.

FERREIRA, Ricardo Franklin; CAMARGO, Amilton Carlos. As relações cotidianas e a construção da identidade negra

**Psicologia: Ciência e Profissão**. , v. 31, n. 2, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200013>> Acesso em: 03 de jan. de 2022.

FERREIRA, Ricardo Franklin; CAMARGO, Amilton Carlos. Preconceito, exclusão e identidade do afrodescendente. In: FERREIRA, Ricardo Franklin; CARVALHO, Isalena Santos (orgs.). **Processos de exclusão na sociedade contemporânea**. São Luís: EDUFMA, 2013.

\_\_\_\_\_. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Psicologia: Ciência e Profissão**. , v. 31, n. 2, pp. 374-389, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200013>>. Acesso em: 04 de abr. 2022.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

\_\_\_\_\_. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. 5.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Maria Batista. Identidade étnico/racial no Brasil: uma reflexão teórico-metodológica. **Revista Fórum Identidades**, Ano 2, Volume 3 – p. 33-46 – jan-jun de 2008.

NARITA, Stella. Notas de pesquisa de campo em psicologia social. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 25-31, ago. 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822006000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000200004&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 26 fev. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-7182200600020000>

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães et al . O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei , v. 12, n. 2, p. 466-485, ago. 2017 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext & pid=S1809-89082017000200016 & lng= pt \ nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S1809-89082017000200016 & lng= pt \ nrm=iso)>. acesso em 5 mar. 2021.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. Brasília: IPEA, 2003.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013.

PIZA, Edith; BENTO, Maria Aparecida Silva. O baile da cor: apontamentos sobre conceitos, métodos e procedimentos de classificação racial. In: Silva Junior H, organizador. **O papel da raça municipal/etnia nas políticas públicas de promoção da igualdade**: anotações sobre a experiência de Santo André. São Paulo: CEERT; 2003. pág. 62-74.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: doi:10.11606/T.47.2012.tde-21052012-154521. Acesso em: 20 de mai. 2022.

\_\_\_\_\_; GONÇALVES, Mônica Mendes. Racismo na família e a construção da negritude: embates e limites entre a degradação e a positivação na constituição do sujeito. **Odeere** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. v. 2, n. 4, jul./ dez. 2017.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra**: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro** (2a ed.). Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SILVA, Gisele Cristina Resende Fernandes da. O método científico na psicologia: abordagem qualitativa e quantitativa. **Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos**, 2010. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0539.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2021.

SILVA, Nilsilenis Barbosa; VIEIRA, Rosana Figueiredo. Além da cor da pele: uma análise psicossocial acerca da formação da identidade negra no Brasil. **Pretextos** - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 3, n. 6, p. 259 - 278, set. 2018

SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

TRUTH, Sojourner. E eu não sou uma mulher? **Portal Geledés**, Afro-americanos, 8 de jan. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>. Acesso em: 1 de mar. 2022.

## APÊNDICES

## **APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

Você está sendo convidada a participar como voluntária desta pesquisa que compõe o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação, na modalidade bacharelado, em Psicologia da pesquisadora, sob o título **Construção da Identidade Negra: As Mulheres Negras E As Relações Afetivas**, da autoria de Laura Inez Oliveira das Neves, sob orientação do Prof<sup>o</sup> Dr. Ramon Luís de Santana Alcântara.

Sua colaboração nesta pesquisa será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Fique ciente que ao responder este questionário poderá ter que aceitar a política de privacidade da ferramenta que será usada para a coleta das respostas.

O que nos motiva a propor essa pesquisa é, por lado, ser uma questão que ao longo da formação inquietou a pesquisadora, por outro a não existência de (muitas) pesquisas que fazem essa ligação entre como a afetividade e construção identitária e se entrelaçam.

O objetivo da pesquisa consiste em verificar como a construção identitária interfere em relacionamentos afetivos-sexuais de mulheres negras. As questões buscarão entender como essa construção de identidade se deu para cada mulher e investigar se interferiu em seus modos de se relacionar.

O procedimento de coleta de dados será realizado através de entrevistas onde em comum acordo pesquisadora e participante escolhem o ambiente mais viável para ocorrer, podendo ser em ambiente virtual ou presencial, com todos os cuidados de distanciamento e proteção sendo garantidas por ambas as partes. Essa medida está sendo tomada devido ao nosso contexto sanitário atual.

Em caso de ser realizado em ambiente virtual a entrevista se dará via Google Meet.

### **Esclarecimentos:**

I) A participante será entrevistada pela pesquisadora em local, data e horário acordados, tendo a entrevista duração de no máximo 2 horas e, caso necessário, será realizado um segundo encontro.

II) As entrevistas serão gravadas mediante a sua autorização, através deste termo.

III) A entrevista será transcrita e posteriormente ocorrerá a análise da transcrição e dos dados coletados.

IV) Sua participação não é obrigatória e poderá haver a recusa em responder qualquer pergunta que considere desagradável, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal.

V) Considerando que toda pesquisa com humanos envolve riscos. A participação na pesquisa poderá, ocasionalmente, provocar sentimentos ou pensamentos desagradáveis. Assim como, em alguns momentos poderá gerar desconforto ao responder algumas perguntas, modificações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre sexualidade e construção de identidade, então, possivelmente, você pode sentir cansaço por responder as perguntas da pesquisa ou recordações negativas acerca de seus relacionamentos. Caso você sinta desconfortos, pode solicitar a pesquisadora para fazer uma pausa para descanso ou encerrar a entrevista, sem qualquer prejuízo. Você também poderá responder somente as perguntas que julgar necessárias, tendo plena liberdade de não responder àquelas que sentir trazer algum desconforto ou constrangimento. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais, visando assegurar o sigilo de sua participação. As respostas ficarão armazenadas em um banco de dados protegido por senha e nenhuma identificação pessoal estará associada aos dados fornecidos por você. Os pesquisadores responsáveis se comprometem a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos ao final da pesquisa, sejam eles favoráveis ou não, sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

VII) A participação na pesquisa não resulta em ganhos financeiros ou de qualquer outra natureza.

VIII) Caso queira, você pode solicitar por e-mail uma via digitalizada deste Termo De Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e usar os meios de contato indicados abaixo para sanar alguma dúvida sobre este projeto ou a sua participação.

IX) O convite para participação na pesquisa não será feito com a utilização de listas que permitam a identificação dos convidados, nem a visualização dos seus dados de contato (e-mail, telefone, etc) por terceiros.

X) O convite recebido por e-mail é individual, contendo somente um remetente e um destinatário, ou enviado na forma de lista oculta.

XI) A pesquisadora se responsabiliza pelo armazenamento adequado dos dados coletados, bem como dos procedimentos que asseguram o sigilo e a confidencialidade das informações pessoais.

XII) Os dados coletados serão baixados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem".

XIII) A participante é facultada a possibilidade de interrupção da sua participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo para ela.

XIV) A pesquisadora compromete-se a divulgar a participante todos os resultados obtidos ao final do trabalho.

XV) Esses dados poderão ser utilizados na elaboração de textos para publicação. Cabe destacar que a identificação da participante não será revelada. O consentimento de participação na pesquisa pode contribuir no campo das ciências em Psicologia e se dará através deste termo.

XVI) É indispensável que a participante guarde em seus arquivos uma via desse documento eletrônico.

XVII) Durante a sua participação e mesmo após encerrada ou interrompida a pesquisa, você tem o direito de obter auxílio da pesquisadora. Se houver algum dano direto/indireto e imediato/tardio causado pela participação no estudo, você tem direito de obter assistência integral gratuita, pelo tempo que for necessário, devendo informar a pesquisadora responsável, que fará os encaminhamentos devidos para sanar o dano, e assim indenizar as consequências advindas dessa pesquisa, oferecendo todo o suporte necessário.

XVIII) Os benefícios que esta pesquisa poderá trazer não são diretos ou imediatos, porém esperamos que auxilie nos estudos sobre a temática e fomenta novas discussões, tanto no meio acadêmico quanto na sociedade civil em geral.

Contato dos pesquisadores:

Laura Inez Oliveira das Neves - Discente pesquisadora UFMA

Telefone:(98)98234-0323 Email: [laura.inez@discente.ufma.br](mailto:laura.inez@discente.ufma.br)

Profº Dr. Ramon Luis de Santana Alcântara - Pesquisador/orientador

Telefone (98) 981742497 Email: [ramon.lsa@ufma.br](mailto:ramon.lsa@ufma.br)

(08h às 18h, de segunda a sexta)

Em caso de dúvidas éticas entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, que é um grupo não remunerado formado por diferentes profissionais e membros da sociedade que avaliam um estudo para julgar se ele é ético e garantir a proteção dos participantes.

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para dúvidas, recursos ou reclamações do sujeito pesquisado: Comitês de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário (CEP-HUUFMA) localizado no endereço Rua Barão de Itapary, 227, quarto andar, Centro, São Luís-MA. CEP 65.020-070. Telefone: (98) 2109 1250. E-mail: cep@huufma.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMA (CEP/UFMA) funciona na Avenida dos Portugueses s/n, Campus Universitário do Bacanga, Prédio do CEB Velho, em frente ao auditório Multimídia da PPPGI. E-mail para correspondência: cepufma@ufma.br. Em caso de dúvidas, ligue: (98) 3272-8708.

>> Leia a declaração abaixo e, se concordar em participar, clique em "Concordo em participar". Caso contrário, basta clicar em "Discordo" e enviar o formulário. <<

Tendo recebido todos os esclarecimentos acima citados, e ciente de meus direitos, declaro que li e concordo em participar da pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação dos resultados em periódicos, revistas, apresentação em congressos, workshop e quaisquer eventos de caráter científico.

\*Ao clicar em concordo você aceita os termos descritos acima e aceita participar da pesquisa.

Concordo em participar.

Discordo (Se você discordou, sua participação termina aqui. Obrigada por ter considerado esta pesquisa.)

## **APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

- 1) Me conte sobre sua origem familiar
- 2) Como foi sua relação com a escola
- 3) Como ocorreu seu processo de construção identitária
- 4) Fale como foram seus namoros na adolescência
- 5) Como é sua relação com amigos
- 6) Conte das experiências sexuais e afetivas
- 8) Como eram seus ex-parceiros
- 9) Fale um pouco do seu relacionamento atual